

Campus

Jornal-Laboratório do
Departamento de Comunicação da UnBnº 113
1ª quinzena de abril de 88

Muitos brigam por um apartamento

Enquanto 180 professores e funcionários estão à espera de um apartamento funcional para alugar, metade dos 534 apartamentos que a UnB possui estão alugados a pessoas sem vínculos com a Universidade. Sem poder, a curto prazo, promover a desocupação destes apartamentos, a fim de cedê-los aos seus funcionários, a UnB está construindo seis novos prédios na Colina, que deverão estar concluídos até fevereiro de 1989. Os novos apartamentos, segundo a administração, serão suficientes para atender a lista de candidatos, que devem fazer suas inscrições nos respectivos departamentos. Cada pedido será submetido à Comissão de Moradia, a quem caberá a palavra final. (Pág. 6)

BCE agora tem sala de microfilmes

Os alunos, professores e funcionários da UnB acabam de ganhar um grande presente. São 12 mil e 500 teses produzidas em universidades estrangeiras sobre temas e problemas da América Latina. Todo este material microfilmado já está na Biblioteca à disposição dos leitores, numa sala especial, dotada de equipamento de leitura ótica e com a mormomia de ar-condicionado e cadeiras acolchoadas. Com isto a Biblioteca torna-se a mais rica do Continente em informações sobre a América Latina. Tanta mormomia não deixará de ter sua limitação: ao contrário do restante da Biblioteca que funciona 24 horas por dia, a sala de microformatos estará aberta apenas no horário comercial. (Pág. 5).

Paulo Rossi



A bola vai rolar e animar o vôlei dentro do CO

Torneio de vôlei agita o esporte

O vôlei é a grande sacada neste início de ano, agitando o Centro Olímpico com bons jogos. Mas não é só de bola que vive o esporte. O karatê dá as cartas, mostrando sua força; o pára-quedismo à procura de seu espaço. E os mistérios do aikidô: uma arte ou uma competição? (Página 7)

Sônia Filgueiras



Agência do Banco do Brasil: preciosas horas perdidas no simples ato de descontar um cheque

UnB perde milhões na fila do BB

Não foi feita até agora uma estatística sobre as horas de trabalho perdidas por professores e funcionários da Universidade nas enormes filas que se formam diariamente na agência do Banco do Brasil no campus. As filas que se estendem pela calçada da agência ocorrem a qualquer hora do expediente, de forma que não há como escapar: se correr o bicho pega, se ficar o bicho come. As pessoas já chegaram ao limite da paciência e com razão, pois não entendem que um banco tão rico ofereça um serviço tão pobre. Se fosse feito o cálculo das horas de trabalho perdidas nas fila na agência, pode-se afirmar sem medo de errar que a UnB perde ali milhões de cruzados por mês.

(Pág. 4)

Rádio não sai e a culpa é do Governo

Oswaldo Buarque



Covas sabe que vai ser difícil mas quer eleições para presidente este ano

Covas: "Vamos lutar pelos quatro anos"

Aos 54 anos, o líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas, pode olhar o passado e enxergar o futuro sem motivos de arrependimento. Por conta do golpe de 1964 teve sua carreira política interrompida quando lhe cassaram o mandato de deputado federal, depois de ter sido prefeito de Santos. O seu reingresso na política foi triunfal: após passar pela prefeitura de São Paulo, foi eleito senador com a maior votação obtida por qualquer político no Brasil. Bom orador, hábil negociador político, ele é um elemento-chave na Constituinte e um nome presente em todas as listas de presidentes possíveis. Nessa entrevista ao

Campus, ele manifesta suas opiniões sobre a política brasileira. Algumas delas: "Esse governo se sustenta na base do clientelismo e da fisiologia de alguns deputados esenadores". "Vamos lutar para reduzir para quatro anos o mandato de Sarney. Sei que é difícil, mas vamos insistir". "Esse governo é chegado à retaliação e à perseguição e isso é nitidamente a cara de Antônio Carlos Magalhães. Ele é o primeiro-ministro de Sarney". "Não, não sou candidato a nada. O que está em jogo agora é garantirmos as eleições este ano, para garantir a democracia. Não podemos prorrogar a transição. Prorrogá-la é, repito, destruir a democracia". (Pág. 8)

Nestes quinze meses em que a UnB, com um projeto perfeito e acabado, luta por um canal de rádio educativo junto do Ministério das Comunicações, o reitor Cristovam Buarque afirma ter utilizado todo o seu poder de persuasão para convencer as autoridades. Mobilizou a comunidade, conversou com parlamentares, empresários e dirigentes sindicais. Mas, por não estar disposto a entrar em qualquer tipo de conchavo para obter a concessão, o reitor está convencido de que a UnB não terá a rádio a curto prazo. Também está certo de que se existe alguma responsabilidade por a UnB não ter hoje sua rádio, esta responsabilidade é do Governo Federal.

Cristovam prefere esperar uma nova oportunidade para conseguir o canal, com a mudança de ministro ou de governo. "Só lamento que isto não seja agora, porque temos dinheiro e competência técnica e cultural. Para se ter a rádio agora, teria que ser uma rádio pirata e isto não fica bem para a própria UnB fazer". Enquanto não surge uma nova oportunidade, o reitor está decidido a deslanchar um projeto de televisão e para isto nomeará uma comissão. "Nós temos de pensar a Universidade em termos de futuro, para daqui a cinquenta ou cem anos, como as universidades européias".

(Pág. 4)

ANO 1968



NO MUNDO

Em Paris, explodem as barricadas do desejo. Os jovens gritam em alto e bom som: é proibido proibir. Nos EUA, cabelos crescem e mãos se unem: faça amor, não faça a guerra.

NO BRASIL

A juventude toma a ponta de lança dos protestos contra a ditadura. Passeatas são de cem mil, a reação é violenta: UnB invadida, mortes, desaparecimentos.

NAS CABEÇAS

A Tropicália desbanca a Jovem Guarda. O Cinema Novo vê surgir o Marginal. A poesia é livre, as guitarras distorcidas, preparando o terreno para a salada de 88.

EDITORIAL

A PARÓDIA E A HISTÓRIA

O meio político já põe como praticamente definitivo o mandato de cinco anos do presidente Sarney, mesmo a revelia da vontade da maioria da população. Desimpedido de desculpas, no terceiro ano de (des) governo, Sarney, mais uma vez, reinicia. E já tem desculpa engatilhada: dois anos não serão suficientes para se vislumbrar como seu (des) governo foi bom. Mas a obra a ser feita é uma só: terminada a Constituinte, convocar eleições gerais em todos os níveis e garantir a posse do próximo presidente. Ou, de outra maneira: acabar a transição que se arrasta desde 1973. Para isso, não são precisos dois anos. E, a democracia, penhorada, agradece.

No entanto, o presidente recolhe-se ao ninho que o criou: ex-presidente do PDS, expressivo expoente da Arena, volta-se à manutenção da "lei, da ordem

e do progresso". E o seu primeiro-ministro, Antônio Carlos Magalhães, continua defendendo, agora com a maior desenvoltura, que Sarney só deve governar com quem o apóia. Ou seja, benefícios sociais só pelo fisiologismo, dentro do que se convencionou chamar de teoria de São Francisco "é dando que se recebe". Mais simples, prático e de bom-senso, então, seria o (des) governo se retirar, ao invés da população, que pela primeira vez na história brasileira, voluntariamente migra a outros países — democráticos e modernos.

O escritor Marshall Berman utiliza uma frase de Karl Marx no título de sua obra, sobre a aventura do modernismo: "Tudo que é sólido desmancha no ar". Na aventura do Brasil "moderno", o primeiro capítulo da Nova República, talvez devesse chamar-se "tudo que é sólido deslancha no ar".

O que esperar dos políticos

Muitos dos erros cometidos na história do Brasil são derivados de certa inconsciência dos partidos políticos, os quais, em sua grande maioria, carecem de uma base ideológica firme que os oriente coerentemente rumo aos seus programas. Assim, recentemente, assistimos às dissidências do PMDB, aos deslizos do PT e do PDT, provenientes diretamente da aprovação do sistema presidencialista de governo e, como consequência disso, da possível aprovação de um mandato de cinco anos para Sarney.

O PT, por exemplo, diante do clima de comção nacional após a aprovação do presidencialismo, alega que a bancada não foi a responsável, haja vista que o partido possui apenas dezesseis parlamentares constituintes. Ocorre porém que as lideranças petistas não levaram em conta o peso moral do partido ao votar em bloco pelo sistema de governo que entrará em vigor após a promulgação da nova Carta. Isto explica as vacilações do partido após a votação.

Quanto ao PMDB, as alas mais progressistas resolveram renunciar ao partido, fato este gerado pelas próprias contradições internas da bancada. As correntes internas do maior partido político brasileiro já vêm de longe, quando das acomodações políticas geradas com a morte de Tancredo Neves e com a ascensão de Sarney à presidência. A pressão do Governo, que gastou por volta de 8,6 bilhões para a aprovação do presidencialismo, contudo, foi a gota d'água para acentuar ainda mais as rachaduras do partido.

Daniel Angelo
Editoria de Política

O fantasma do sonho

Vinte anos atrás. Nas ruas, o poder jovem. Gritando alto sua revolta contra os valores conservadores, eles escreveram seus nomes nas páginas da História e seus ideais nos muros das capitais. Corajosamente, lutaram por uma sociedade que achavam mais justa. E pagaram caro por isto: foram presos, torturados, mortos, "desaparecidos". Mas também trouxeram mais liberdade para as artes, buscaram nas drogas uma experiência mística há muito perdida, encaram o sexo como algo natural e, sobretudo, gostoso de fazer. Assumidamente, estavam de saco cheio e procuravam prazer, o prazer de viver.

Vinte anos depois. Nas ruas, o jovem quer poder? Depois de assistir à falência da revolução de 68, paradoxalmente, incorporar em nosso cotidiano muitas daquelas lutas, nós continuamos gritando contra os valores de uma sociedade ainda conservadora. Mas é preciso deixar claro que não vamos fazer um novo 68, assim como não vamos fazer um novo 77, ano da explosão do punk. Se algumas das bandeiras são as mesmas, outras surgiram e exigem uma postura diferente para lutarmos por elas. Espremida entre a ilusão "yuppie" e o desencanto pós-tudo deste fim de século, a juventude continua sonhando. Fazendo uma síntese, a chave de tudo é que estávamos de saco cheio. E continuamos.

Luiz Piu
Editoria de Cultura

TV: uma nova utopia

A velha questão do Rádio UnB volta a ganhar espaço nas páginas do jornal CAMPUS não como uma conquista desejada por toda uma comunidade, mas como um fator de desesperança e desilusão. Todo um esforço se tornou inútil. Com um projeto elaborado pelo pessoal do Departamento de Comunicação, e elogiado pela Funtev e pelo próprio Ministério da Educação, eis que (das trevas) surge uma concessão para que o Governo do Distrito Federal possa ter sua emissora de rádio, sem nenhum projeto, nenhum documento que justificasse algum merecimento. Toda uma luta que englobou manifestações, shows, cartazes e suor de seus líderes foi vencida (mais uma vez!) pelos conchavos políticos que rolaram "por baixo dos panos" dentro do Ministério das Comunicações. Mais uma vez a política de concessões obedeceu ao poder financeiro; quem recebe é quem tem para pagar. De nada valem idéias, projetos ou força de vontade. E como se não bastasse nos iludirmos com uma Rádio UnB, surge uma nova utopia: um canal de televisão. Não é preciso nem dizer que esta luta, se encampada, será muito mais difícil. Fala-se em paciência, em otimismo. Espera-se que com a implantação da TV a cabo no Brasil, conseguiremos a solução para este problema. Teríamos novamente que reunir pessoal competente e disposto, elaborar um projeto, enfim, levantar mais uma bandeira. Feito isto só nos resta torcer para que nosso País tenha se moralizado, respeitando quem trabalha e luta por um ideal. E querermos demais...

Marcos Pinheiro
Editoria de UnB

CARTAS

Lauro Morhy: quero colaborar

Prezados amigos do Campus,

1. Por várias vezes colaborei com o CAMPUS não só com entrevista, mas, também, proporcionando subsídios outros, como publicações diversas, que terão contribuído para matérias publicadas.

Tive a satisfação de oferecer ao CAMPUS o "furo" das propostas de mudanças do vestibular, partidas da COPEVE, hoje DAE, em dezembro de 1985, que levantaram um grande debate nacional. Ao artigo do CAMPUS seguiram-se centenas de reportagens e entrevistas, publicadas pelos maiores jornais e emissoras de rádio e TV de todo o País, além de dezenas de reuniões e até

seminários nacionais, convocados para discutir e repensar o vestibular.

2. No meu entender basta lembrar que o CAMPUS é um jornal-laboratório e da UnB, para que mereça da DAE e, de todos nós, especial atenção.

3. A acusação que me foi imputada no CAMPUS nº 109 (1ª. quinzena de novembro de 1987, pág. 2) de discriminar esse jornal foi precipitada, considerando que no passado sempre dei muita atenção aos seus reporteres. Tive razões para não dar uma terceira entrevista (no episódio com a Valéria) sobre um mesmo assunto e para o mesmo CAMPUS, motivo que poderia merecer ao menos um diálogo esclarecedor com res-

ponsáveis pelo jornal, antes da acusação referida. No meu entender, tratando-se da mesma matéria, as entrevistas dadas e não publicadas, poderiam ser aproveitadas, ganhando-se precioso tempo.

4. De minha parte, entretanto, considero o episódio encerrado e espero continuar colaborando com o pessoal do CAMPUS, o que, para mim, será motivo de satisfação. Peço que transmitam à Valéria Castanho esta minha disposição e que lhe digam que nada tenho pessoalmente contra ela, mas somente apreço.

Cordiais Saudações

Lauro Morhy

É preciso resgatar a rebeldia

"20 anos nos separam de maio de 1968, um marco histórico para os estudantes e a juventude. A resistência a regimes tirânicos, as aspirações de liberdade... a juventude no país e no mundo lutava para impor novos valores a uma sociedade conservadora baseada na exploração do suor e do trabalho humano.

E, para nós, uma obrigação moral resgatar essa experiência vivida na história do Movimento Estudantil. Ainda mais numa época onde o ceticismo, a descrença no novo, e a falta de participação política impregna toda a sociedade. A Juventude, mais uma vez, necessita rein-

ventar sua rebeldia, construir novos valores que rompam com os valores que a burguesia e a máquina de consumo lhe impõem; e se lhe impõem é porque vê na explosividade e na rebeldia que já marcaram a mobilização dos estudantes um perigo a seus interesses.

Tal qual a juventude e os estudantes, a UNE também sofre uma crise. Após anos de luta, nossa entidade foi destruída pela ditadura, e de lá para cá jamais se reergueu com o mesmo ímpeto que outrora já teve. A UNE necessita ocupar novos espaços, estar presente no cotidiano da vida e das lutas dos estudantes, no combate aos

"novos" opressores da "Nova" República, e ao arcaísmo que permeia as relações humanas na sociedade burguesa.

E, pois, tarefa de envergadura. Mudar essa situação. Precisamos ser contemporâneos com o passado e com o presente, resgatar a rebeldia e do sangue derramado por nossos companheiros, uma lição que nos ajude a revolucionar as formas no nosso movimento e os valores da nossa época, para revolucionarmos a educação e a sociedade.

Reconstruir a UNE para as lutas, e nas lutas.

Helder Molina — Vice-presidente da UNE Centro Oeste



Para onde vai a UnB em 88?

Universidade modelo

A UnB inicia o ano com nove firmas prestadoras e mais três tipos de contratos no meio de seus servidores (convênio por tempo determinado e indeterminado).

As universidades estão recebendo inúmeros ataques do governo que implanta, a conta gotas, o GERES, rechaçado por toda a comunidade Universitária em 87.

A falta de funcionários, professores e de verbas coloca a Universidade em choque, sendo fundamental a unidade dos três segmentos em defesa da universidade pública e gratuita.

A outra luta fundamental para este ano é o Congresso Universitário. Não podemos dizer que reina democracia no Campus da UnB se imperra um estatuto autoritário, feito pelo Senhor Capitão Azevedo. Um Congresso Paritário e soberano, com a participação da comunidade brasiliense será a grande tarefa para este ano na UnB e precisa ser encampada por todos para termos não só uma Universidade Modelo, mas uma Universidade com o modelo que desejamos.

Edmilson Rodrigues de Lima,
presidente da ATA-FUB

Convidados a escreverem um artigo sobre o tema proposto, o DCE e o chefe de gabinete da reitoria, José Geraldo de Souza, não entregaram material no prazo estipulado.

Cozinhando o galo

Mais uma vez a incompetência administrativa e a falta de material afetam um número do CAMPUS. Os alunos se desdobram para a realidade de um jornal decente e esbarram com velhos problemas, como falta de filme, precariedade na produção jornalística, acesso vetado aos equipamentos fotográficos (parados pela falta de filme), isto para não falar na sala de redação, com poucas e precárias máquinas de escrever.

Já no segundo semestre de 85, o CAMPUS nº 81 foi publicado sem fotografias, apenas com os espaços recortados e em branco. Falta de material. Desta vez, num esforço para não

sacrificar o primeiro número de 88, alguns alunos se desdobram para comprar filme — com seu próprio dinheiro, por enquanto não reembolsado — e ainda mais para conseguir o equipamento do Departamento, reservado aos alunos de Fotogrametria para o cumprimento das tarefas. Acontece que nem sempre se prevê tudo com antecedência em jornalismo, o que implica na presença destes alunos na redação, coisa que não houve, salvo uma "pequena" exceção. A falta de laboratorista, que seria suprida por bolsistas, não se cumpriu e criou uma situação constrangedora, já que ninguém se responsabiliza e nem é responsabilizado.

O privilégio dado aos alunos do currículo novo para utilização do equipamento fotográfico é mais do que justo. Absurdo é o veto aos veteranos para tanto, principalmente quando todos os equipamentos estão parados e o jornal carente de fotografias e filmes. Absurdo é a atual diretoria do C.A. não tomar conhecimento de mais esse tropeço da atual Chefia do Departamento, que por sinal foi eleita em momento de crise, num processo que não contou com a participação ampla do segmento estudantil. Vamos botar o galo pra cantar em outro quintal.

Dizo Dal Moro
Luiz Piu
Oswaldo Buarim Jr.

EXPEDIENTE

Jornal-laboratório do Departamento de Comunicação da UnB.
Endereço: Campus da UnB — ICC Norte.
Editor-chefe: Verner Uhlmann
Secretária de redação: Valéria Mendes
Editores: Marcos Pinheiro (UnB), Jorge Lage (Política), Aliene Coutinho (Suplemento) e Giovana Assis (Fotografia).
Reporteres: Renato Afonso, Daniel Ângelo, Luiz Piu, Mauro Porto, Alessandra Rios, Flávio Guilherme, Lorient Zanini, André Camargo Filho, Valéria Borges, Luiza Adriana Mouta, Larissa Chagas, Maria de Fátima Lima Gaspar, Maria Theresa Tostes Ribeiro, Sandra Brasil, Cláudia

Valéria Mariana Lemos, Mabel Malheiros, Oswaldo Buarim Júnior, Dizo Dal Moro.

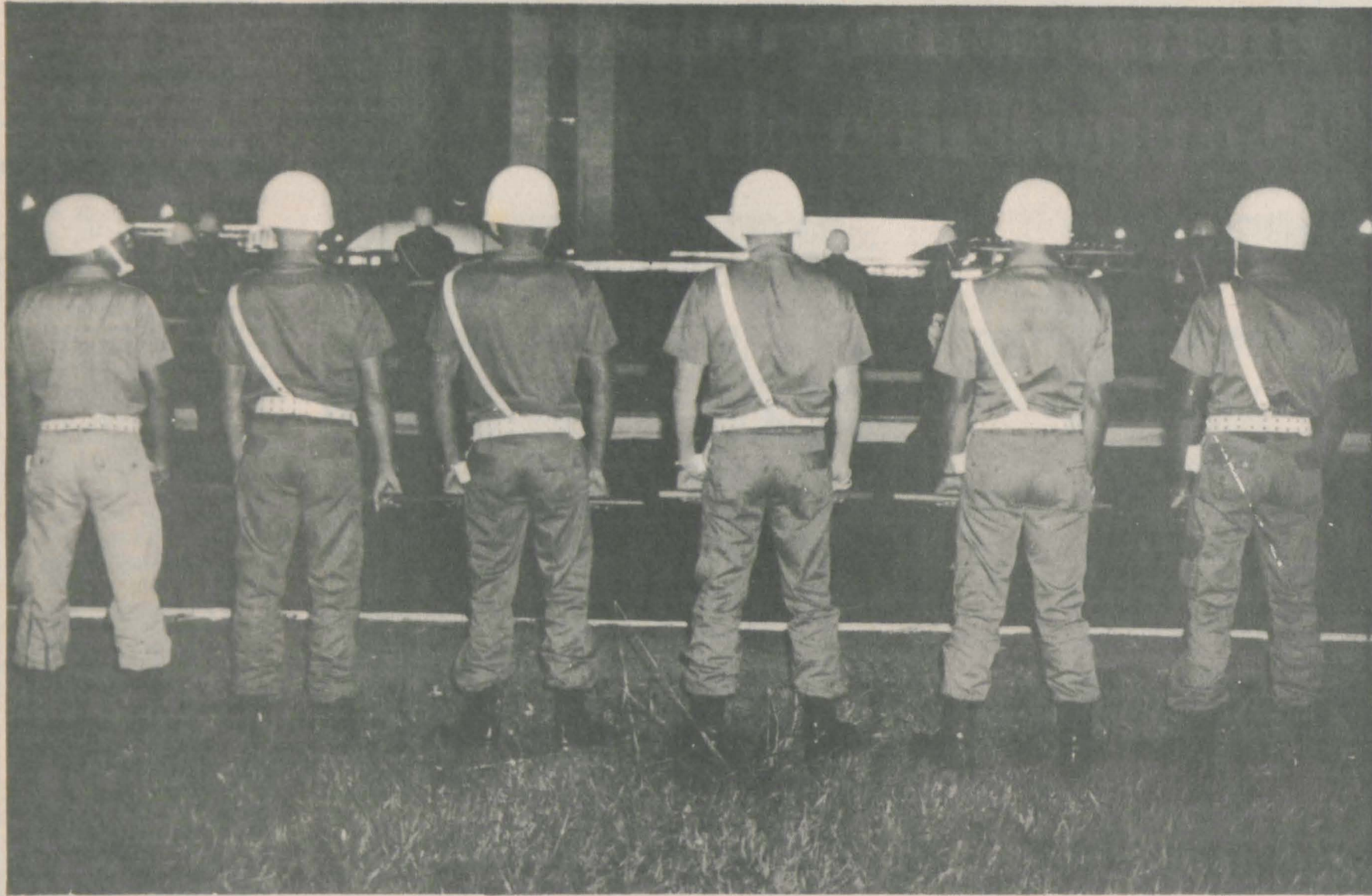
Fotógrafos: Antônio Márcia Vale, Sônia Filgueira, Rogério Diniz, Usha Pontes, Paulo Roberto Rossi, Marcos Savini, Denilson Lopes Silva, Adriana Fernandes.

Professores consultores: Salomão David Amorim, Rogério Bastos Cadengue, Gonzaga Mota e Célia Ladeira, Luiz Humberto (Fotografia) e Maria Rita Leal (Diagramação).

Apoio administrativo: Dalila Maia de Oliveira.

Composição, revisão e impressão: Jornal de Brasília.

Golpe: a fórmula que se usa na crise



O que prever para o futuro

Na esteira da alegria que dominou o lado direito do plenário da Assembleia Nacional Constituinte depois da aprovação do presidencialismo emergiu uma crise que ainda não foi compreendida pelos principais atores do teatro político. O PMDB, partido sobre o que repousou a transição política, dividiu-se de maneira irrecorrível, enquanto o Governo Federal foi obrigado, para impor seus pontos de vista, a se socorrer dos adversários da véspera.

Essa importante inversão de valores vai determinar o futuro e marcar a sucessão do presidente José Sarney. Ele, aliás, tratou de anunciar com rapidez que passaria a governar acima e além dos partidos. Sarney é, ou era, o presidente de honra do PMDB. O Partido da Frente Liberal, que na origem é uma dissidência do outrora poderoso PDS, uniu-se à sua matriz naquelas votações e não dá mostras de estar em posição incômoda por causa desta convivência. Partidos progressistas, como PT e o PDT, que votaram no presidencialismo, terminaram, por opção involuntária, somando-se as forças que trabalharam em favor de cinco anos para o atual presidente.

Se a política brasileira é, habitualmente, confusa, transformou-se, nos últimos dias, em algo tão complexo que mesmo os mais experimentados parlamentares estão tendo dificuldades para conseguir enxergar o futuro. A primeira consequência foi a paralisação dos trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte. Desde a votação do regime de governo e do mandato do presidente, o Plenário não aprovou mais nada. Pior: o projeto presidencialista, feito às pressas e produto de diversos acordos, necessita de reparos e modificações, que não mais podem ser realizados, pois não há prazo para apresentação de novas emendas.

O cenário é igualmente confuso sob o aspecto partidário. O PMDB — mais da metade de sua bancada — votou contra a orientação do líder Mário Covas e do programa do próprio partido. O PFL, que integrou a Aliança Democrática, também votou contra aquilo que foi decidido no momento da eleição de Tancredino Neves. Aparentemente todos trabalharam em favor de apoiar o presidente da República, mas o racha do PMDB favorece em larga medida as pretensões presidenciais de Leonel Brizola.

Pessoas e instituições, por insondáveis razões, às vezes tem tendência ao suicídio. A história do Brasil está cheia de exemplos carregados de dramaticidade cujos efeitos ultrapassam décadas de desagregação de presidentes. A desagregação do PMDB é um fato destinado a provocar consequências nos próximos tempos, porque parte de seus membros tentará fundar um novo partido, mas importante segmento peemedebista irá para o PDT somar forças com a oposição praticada por Leonel Brizola. E um grupo permanecerá no partido praticando o mesmo discurso de mudança e renovação, embora, na prática, tenha dado seu voto às teses contrárias a sua própria pregação.

ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Prof. Departamento Comunicação

Planalto aumenta crise no PMDB

Daniel Angelo e Jorge Lage

A aprovação do presidencialismo pela Assembleia Nacional Constituinte gerou várias reações, tanto no Congresso Nacional quanto no Palácio do Planalto, além de mexer com vários setores da sociedade e da classe política em geral. Em seu pronunciamento do dia 28 de março, no qual anunciou oficialmente sua saída do PMDB, o deputado Fernando Lyra, de Pernambuco, anunciou que "aprovado", sob os ordens do Planalto, o mandato de cinco anos para os presidentes da República já acena agora com a derrubada das conquistas dos trabalhadores, como a indenização por demissão imotivada, a licença-paternidade e o adicional de férias".

Além da saída deste parlamentar, vários outros se colocaram na mesma posição, tanto do PMDB quanto de outros partidos. Para Fernando Lyra, "o PMDB deixou de ser o partido das transformações", sendo este o principal motivo da atitude do deputado. Desta forma, vários parlamentares da assim chamada linha progressista, que tem como liderança políticos expressivos como Mário Covas, Fernando Henrique Cardoso e Pimenta da Veiga, além do próprio Fernan-

do Lyra, já cogitam a criação de um novo partido de linha social democrata e de centro-esquerda.

A ideia, neste caso, é a de que, logo depois da promulgação da nova Carta Magna, seja fundado este novo partido, que acomodará os políticos que já anunciaram sua saída do PMDB, com os que permanecerão ali até a promulgação da Constituição, além da possível absorção de membros insatisfeitos de outras agremiações.

Após a votação do sistema de governo, vários parlamentares de Minas Gerais, optaram, também pelo abandono do PMDB. Este grupo, formado por oito constituintes, está ainda sem definição partidária, podendo servir de núcleo para a formação de um novo partido. São eles os deputados Pimenta da Veiga, Carlos Mosconi, Carlos Cotta, Roberto Brandt, Octávio Elisio, Ziza Valadares, Mauro Campos e Célio de Castro. Em Pernambuco, a deputada Cristina Tavares também anunciou sua saída do PMDB.

Com esta cisão, saiu fortalecida o PDT, de Leonel Brizola. Concretamente, pelo menos três parlamentares emigraram para o partido, deixando boquiabertos os principais líderes do PMDB. Em São Paulo sai o deputado João

Cunha, por falta de espaço. É que o deputado quer ser prefeito de Ribeirão Preto e o PMDB não lhe dará legenda. Na mesma situação está o deputado Nelson Aguiar, do Espírito Santo, que reclama de falta de espaço político em seu Estado.

Outra sigla que se fortaleceu com a crise do PMDB foi o Partido Socialista Brasileiro, o PSB. A deputado Raquel Capibaribe, do Amapá, juntamente com o deputado José Carlos Sabóia, do Maranhão, indignados com a dominação do Centrão e com posições contrárias às direções partidárias, abandonaram o PMDB e ingressaram no PSB.

Além desses parlamentares, que já optaram por alguma outra legenda, existem aqueles que ainda estão indefinidos quanto a seu destino, mas que já resolveram deixar o partido. Dentre eles estão os deputados de Alagoas José Costa e Geraldo Bulhões, que fecham com o governo Fernando Collor e que mostram discordâncias com a linha do PMDB atual. Já o senador Teotônio Vilela Filho e o deputado Renan Calheiros, do mesmo Estado, estão fortemente inclinados a deixar o partido, pelos mesmos motivos de José Costa e Geraldo Bulhões, ou seja, por divergirem da linha política adotada pelo PMDB atualmente.

Ensino gratuito teme voto de constituintes

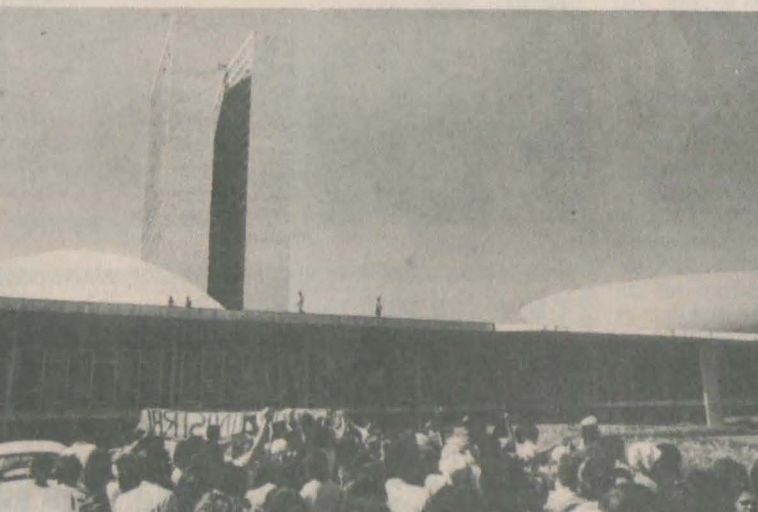
André Camargo

Caso o Projeto Final da Comissão de Sistematização seja aprovado sem alteração pela Assembleia Constituinte, as universidades federais poderão deixar de ser gratuitas e deverão oferecer cursos noturnos. A votação do capítulo Educação, juntamente com o capítulo Comunicação, está prevista para o final de maio, sob o título **Da Ordem Social**.

A possibilidade do ensino superior passar a ser pago nas universidades federais, conforme noticiado nos jornais, parece ser uma meta do ministro da Educação, Hugo Napoleão, amparado no fato de que, nem a atual Constituição, tampouco a futura — a se manter o presente texto — prevêem a gratuidade do ensino superior. O Projeto da Comissão de Sistematização assegura a gratuidade somente até o ensino médio.

A implantação do ensino noturno está previsto no item VI, do Artigo 244 do Projeto e vem de encontro à vontade de meio acadêmico. Entretanto, o texto não oferece nenhuma opção para os problemas financeiros enfrentados pelas universidades brasileiras que somado às despesas da implantação do curso noturno, só tende a agravar o problema de falta de vagas das universidades.

Outros destaques do Projeto no que se refere à Educação são a manutenção da gratuidade do Supletivo, proibição de destinação de recursos públicos para escolas particulares e a



garantia de uma verba nunca menor de 18% e 25% da receita da União, e Estados e Municípios respectivamente, para a manutenção e desenvolvimento do ensino.

Comunicação

A Comissão que tratou da Educação e Comunicação, foi a que enfrentou os maiores conflitos. Foi a única Comissão que não conseguiu aprovar um relatório para ser remetido à Comissão de Sistematização, culminando em que, o próprio relator da Sistematização, Bernardo Cabral, ter de confeccionar ele mesmo uma proposta com base no projeto apresentado pela Subcomissão Temática.

Os assuntos mais polêmicos com relação à Comunicação, até o momento, foram concessão de

canal de rádio, e TV — que continua sob a decisão do Executivo com possibilidade de veto por maioria absoluta do Legislativo; fim da censura prévia e a proibição da propaganda comercial de remédios, cigarros, e agrotóxicos, que após muita discussão, e muito lobby das agências de propaganda e publicidade, ficou decidido que é a lei ordinária quem decidirá quem e o que veicular.

A maior perda da Comunicação até agora foi a recusa da Constituinte em criar um Conselho Nacional de Comunicação com competência para definir políticas de comunicação e constituir por representantes da sociedade civil. O Conselho foi aprovado, mas como simples órgão auxiliar do Legislativo e composto apenas de representantes do Executivo e Legislativo.

Giovana Assis

A Assembleia Nacional Constituinte, ao reunir de maneira inédita todos os seus 559 integrantes, na histórica sessão de votação do sistema de governo e mandato presidencial, estava sob a possibilidade de um golpe militar, caso o resultado obtido não fosse o desejado pelo Planalto. O exato grau de realidade desta ameaça é uma dúvida que, se não pode ser comprovada, também não pode ser qualificada de improcedente, haja vista as várias intervenções militares ocorridas neste século de história republicana do Brasil, cujo própria proclamação foi mais uma dessas intervenções.

A análise retrospectiva dos fatos que envolveram estas interferências, como o próprio conhecimento da sociedade brasileira, são necessários para chegarmos à compreensão da relação entre poder tutelar dos militares e sociedade civil. "Não se trata simplesmente de responsabilizar os militares por sucessos ou insucessos", comenta a jornalista e socióloga Elizabeth Cancelli, docente do Departamento de História da Universidade de Brasília, mas sim entender o porquê do constante retorno à fórmula do regime de força, ao invés da utilização plena das vias políticas — vias democráticas.

O caráter autoritário e paternalista da própria sociedade brasileira é uma das explicações apresentadas pela professora.

A busca de regimes de força é solução compactuada pela sociedade nos momentos de crise, "culminância", "gravidade", "turbulência" e até "enfermidade", como adjetivou o senador Jarbas Passarinho (PDS-PA). As duas opiniões reconhecem esse respaldo social,

classificado como "componente civil do golpismo". Além de político há mais de 20 anos, nos quais sempre se posicionou como conservador de direita, sendo coerente com tal postura, o Senador é também um militar reformado que conheceu muito bem a hierarquia e a disciplina militares. Na sua ótica, o papel cumprido pelas Forças Armadas, tanto no atual momento de transição democrática, como em situações passadas, é o de garantir e resguardar a ordem e a lei, embora tenha reconhecido, em discurso feito na plena vigência do regime, no ano de 1975, que "abusos" foram cometidos. Outro constituinte militar, oriundo do quadro da Polícia, deputado Paulo Ramos (PMDB-RJ), de posição política contrária a do senador Passarinho, reconhece que os militares, após o golpe de 64, "promovera o cerceamento político, rompendo com a própria lei, em nome da manutenção da Ordem", o que comprometeu a imagem da Instituição, recuperável, somente, "na medida em que poder civil for reconquistado e o militar, reduzido, através da promulgação da nova Constituição". Porém, se depender do novo texto constitucional, as Forças Armadas terão seu poder preservado. "Em essência, não houve alteração no direito de elas interferirem na política interna, quando acharem necessário", diz o deputado Aldo Arantes, do PC do B goiano, autor de duas emendas referentes à matéria não aprovadas. A primeira reduzia o papel das Forças Armadas à segurança do País contra invasões externas, enquanto a segunda propunha a criação do Ministério da Defesa, no lugar dos atuais seis ministérios militares — Exército, Marinha, Aeronáutica, EMFA, SNI e Gabinete Militar.

Intervenções: É preciso?

As interferências militares na política brasileira têm a proclamação da República como marco inicial. Aproveitando-se da insatisfação do Exército que, fortalecido após a Guerra do Paraguai, continuava desprezado pelo Império, os republicanos adotam a solução militarista para derrubar a Monarquia.

O primeiro período republicano, a "República da Espada", corresponde ao governo dos marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto. Eleições constituintes foram convocadas e a Constituição de 1891 promulgada. Após a renúncia de Deodoro, assume o seu vice, Floriano que, sem convocar eleições como deveria fazer, governa da mesma forma que o antecessor, sob decretação de Estado de Sítio.

Em 1910, voltam os militares com a presidência do marechal Hermes da Fonseca, que também não abriu mão do Estado de Sítio.

Em 1922, durante o governo de Epitácio Pessoa, emerge o Tenentismo, movimento da jovem oficialidade, desvinculado de representação social significativa, cujas principais manifestações foram o "18 do Forte", as revoluções de 1923 e 1924 e a "Coluna Prestes".

Devido à turbulência do período, foi deposto o presidente Washington Luís, governando, então, a "Junta Governativa", composta pelos generais Mena Barreto e Tasso Fragoso, até a Revolução de 30, quando assume Getúlio Vargas.

As Forças Armadas dão seu apoio a Vargas que recorre ao Estado de Guerra, permitindo-lhe pela Constituição de 34, por ele mesma promulgada.

A partir da Revolução Comunista de 35, o País divide-se entre comunistas e integristas, estes apoiados pelas Forças Armadas. Recomeça, então a tutela militar sobre Getúlio, e surge o Golpe Fascista de 1937. Dois anos depois, vem a Segunda Grande Guerra e nela os militares, já lutando contra o Eixo (Alemanha-Itália), são envolvidos pelo pensamento liberal, derrubam, em 1945, Getúlio e sua doutrina do Estado Novo e, por fim, pedem eleições diretas, sendo os dois candidatos militares.

Descontentes com a eleição de Getúlio, em 1954, os militares reaparecem e, depois de várias pressões, Getúlio suicida-se.

Em 1954, outro golpe é dado. São os militares desagradados com as medidas nacionalistas do presidente Café Filho. Novas eleições dão vitória a Juscelino Kubitschek, que só teve sua posse garantida pela interferência, em nome da legitimidade, do general Lott, ministro do Exército.

Com a renúncia de Jânio Quadros, os militares têm seu espírito legalista posto à prova, pois não concordaram com a posse de Jango. Mesmo assim, Jango é empossado, sendo derrubado pelo golpe de 64, a partir do qual a História já foi bastante relembrada, principalmente por ocasião das Diretas Já, mais de 20 anos passados da última eleição presidencial.

	Eleições de 1934	Eleição de 1937	Eleição de 1950	Eleição de 1954	Eleição de 1958	Eleição de 1964	Eleição de 1968	Eleição de 1974
Marechal Deodoro								2a.
Marechal Floriano								2a.
Prudente de Moraes	X							4a.
Campos Sales	X							4a.
Rodrigues Alves	X							4a.
Alvaro Pina	X							2a. e 7m.
Nilo Peçanha								1a. e 5m.
Marechal Hermes	X							4a.
Wenceslau Braz	X							4a.
Rodrigues Alves	X							f. assumiu
Deodoro (vice)								8m.
Epitácio Pessoa	X							3a. e 4m.
Artur Bernardes	X							4a.
Washington Luiz	X							3a. e 11m.
Junta Militar								10d.
Getúlio Vargas								15a.
José Linhares								3m.
Marechal Dutra	X							3a.
Getúlio Vargas	X							3a. e 7m.
Café Filho (vice)								1a. e 3m.
Carlos Luz								3d.
Heráclito Ramos								2m. e 20d.
Juscelino Kubitschek	X							5a.
Jânio Quadros	X							6m. e 25d.
Ranieri Mazzini								13d.
João Goulart (Parl.) (vice)								1a. e 4m.
João Goulart	X							1a. e 3m.
Ranieri Mazzini								13d.
Marechal Castello Branco								2a. e 11m.
Marechal Costa e Silva								2a. e 5m.
Junta Militar								2m.
General Médici								4a. e 5m.
General Geisel								5a.
General Figueiredo								f. assumiu
Tancredino Neves								f. assumiu
José Sarney								7

— Levantamento feito pelo deputado Artur da Távola (PMDB-RJ)

Ao longo de sua história republicana, o Brasil passou por várias crises, particularmente no que diz respeito ao cumprimento do mandato dos presidentes. De 1926 até hoje, apenas um presidente civil conseguiu cumprir integralmente o seu mandato, Juscelino Kubitschek. Carlos Luz, por exemplo, ficou apenas três dias na presidência. Com a morte de Getúlio Vargas, assumiu Café Filho, que era o seu vice.

BB: todos reclamam das filas

Lorien Zanini

É insuportável. Ninguém agüenta mais a situação de desconforto provocada pelas grandes filas nas portas do Banco do Brasil. Professores, funcionários e alunos irritam-se toda vez que precisam efetuar alguma transação bancária. Em dias de pagamento as filas começam a formar-se às 8 horas da manhã, quando o início do expediente dá-se somente a partir das 10 horas.

São centenas de pessoas nas filas e é impossível alguém ser atendido sem passar pela provação da espera, às vezes sob sol forte ou chuvas torrenciais.

Chuva de críticas

Na UnB só há esta agência bancária, localizada atrás do cine-clube Dois Candangos e que abriga, ao todo, 18 funcionários para atender, em média 1 mil pessoas por dia, com cerca de 2 mil papéis autenticados e mais de 6 mil contas correntes.

As reclamações são constantes, principalmente porque o Banco, com disponibilidade de oito guichês, nunca coloca todos os caixas para atender seus clientes. "As vezes há filas enormes e só um caixa atendendo", diz Geraldo Amorim, funcionário da Biologia.

Lais Aderne, professora de Desenho, reclama da perda de tempo, tanto por parte de funcionários como de professores e alunos e que isto deveria ser visto pela Universidade, já que são horas e horas perdidas, constantemente, por servidores que poderiam ser mais produtivos nos seus trabalhos. Acrescenta que isso talvez seja reflexo de nossa realidade atual, de falta de organização e planejamento.

De quem é a culpa

O professor de Matemática, Djairo Figueiredo, sugere simplificações no atendimento, como o de aceitar pagamentos pelo correio. "Outra medida seria a de colocar caixas especiais para atender grandes volumes, como os serviços da tesouraria que chegam a ser de 200 a 300 papéis", afirma.

Para Walmer Antonio Fellet, supervisor da Agência da UnB, que é vinculada à agência central de Brasília, o problema existe porque não há condições físicas ideais. "Falta de espaço principalmente". Diz que desde junho de 1987 o Banco do Brasil faz gestões junto à UnB para uma solução definitiva que seria a construção de um prédio exclusivo para a agência. A Universidade cede o terreno e o Banco assume o ônus da construção. Enquanto isso, em caráter provisório, a atual agência será ampliada e remodelada e terá um acréscimo de mais oito guichês para caixas.

O supervisor substituto da agência, Raimundo Elói de Souza Neto, diz que o Banco tem maior empenho em dar bom atendimento mas que fica limitado ao espaço e, sempre que possível, chega a um acordo com a UnB. "Alguns impedimentos são alheios ao banco, como o atendimento ser das 10 horas às 16 horas por determinação do Banco Central e que não é possível deixar os funcionários após o expediente, por questões trabalhistas", explica.

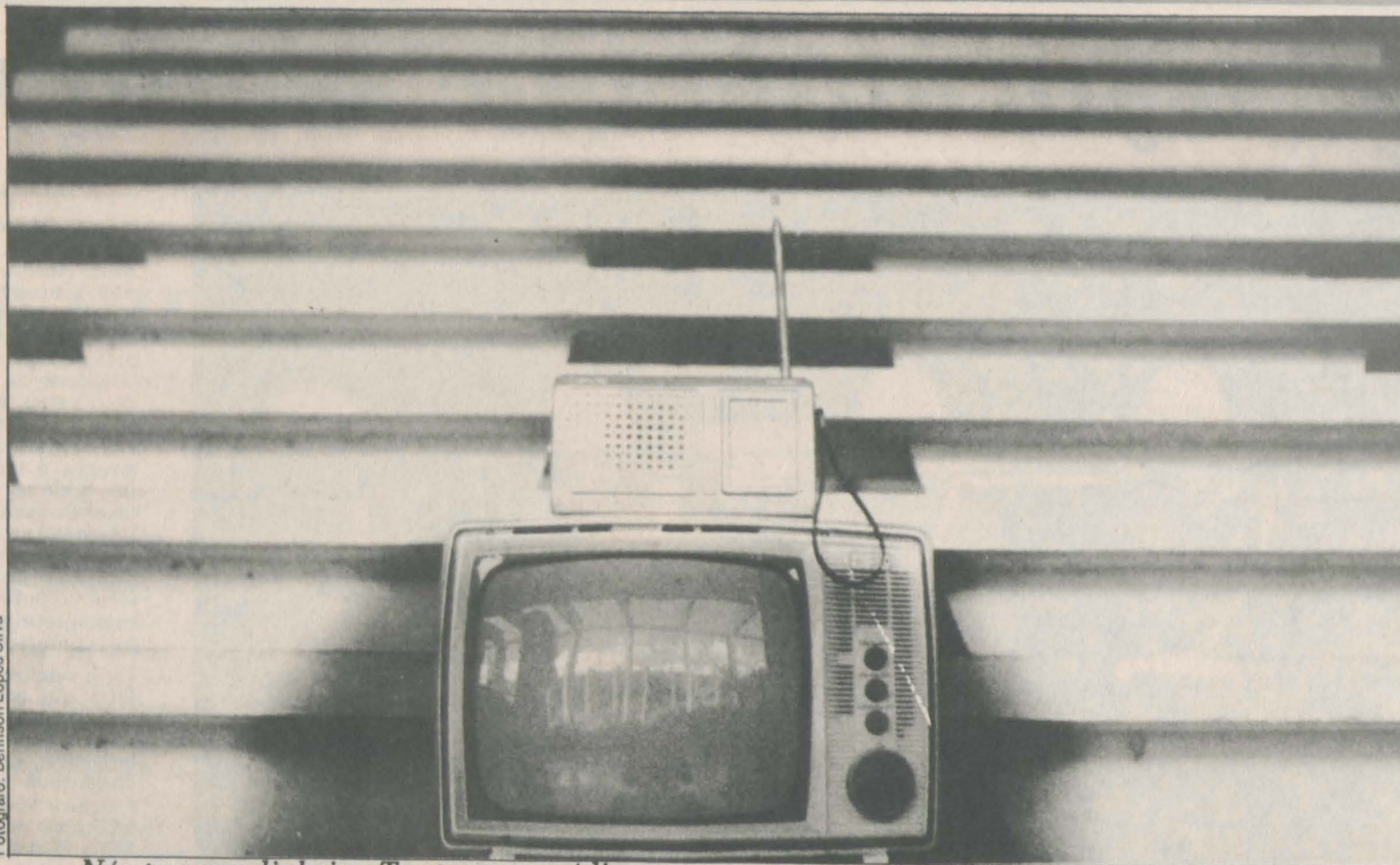
Só espaço não resolve

O professor Gunter Kohlsdorf, prefeito do campus da UnB não acredita que com a ampliação de espaço o banco melhore o atendimento, por causa da carência de recursos humanos. "O banco está impedido de contratar pessoal e, com a deficiência de funcionários, não consegue atualmente, colocar oito caixas, que é a capacidade da agência, para atender seus clientes".

O Prefeito do Campus esclarece que, com o término dos pavilhões de multiuso, que estão sendo construídos entre o ICC e a Faculdade de Educação, várias atividades serão transferidas para lá, inclusive muitas do prédio onde está o cine-clube. Com isso, serão liberadas duas salas para o Banco do Brasil ampliar sua agência.

Prevê-se a inauguração dos pavilhões para 7 de maio e, segundo Fellet, o banco precisa de 30 dias, após a liberação do espaço, para remodelar a agência.

O professor Gunter diz que, como medida definitiva, a construção da agência do Banco está vinculada ao Projeto Vivência, que será implantado, gradativamente, próximo à saída sul do minhocão, para atender demandas que ora acontecem deslocadas e em locais impróprios. Neste projeto estão previstas outras agências bancárias e o Banco de Brasília já pretende iniciar suas atividades enquanto não for possível num dos pavilhões de multiuso.



Fotógrafo: Denilson Lopes Silva

Nós temos o dinheiro. Tanto para a rádio quanto para a TV. Nós temos competência. Dinheiro sem pedir a ninguém, sem pedir favores. Só precisamos da concessão

Rádio não sai e culpa é creditada a Governo

Valéria Mendes

Em entrevista ao Campus, o reitor Cristovam Buarque esclarece à comunidade que não desistiu do projeto da rádio, mas está um pouco desiludido, já que não existem critérios técnicos para se ter uma concessão. Os interesses políticos imediatos são mais fortes.

Fala do projeto da TV universitária, acreditando ser mais fácil sua implantação já que existe verba uma nova proposta de TV que não depende de concessão, a televisão por cabo.

Cristovam diz que nestes dezoito meses restantes de sua administração terá muito o que fazer pensando a UnB como uma instituição que viverá cem, duzentos anos.

CAMPUS — Reitor, o que houve com a concessão do canal da rádio-UnB?

Reitor — A UnB fez um projeto de rádio. O melhor que já se fez. Graças aos professores e alunos da Comunicação. Esse projeto foi elogiado em todas as instâncias, entretanto nós nunca recebemos qualquer retorno oficial do Ministério das Comunicações, ao contrário, nós fomos surpreendidos pelos jornais com o fato de que uma rádio havia sido doada por concessão ao Governo do Distrito Federal. Rádio esta que tivemos a informação, não tinha projeto, não tinha dados, não tinha nada. Houve tentativas da administração de conseguir audiência para falar com o ministro das Comunicações sobre o assunto, mas nunca tivemos resposta.

CAMPUS — O Sr. diz que esforços não foram medidos nesta luta. A quem a universidade recorreu, e porque esta postura de derrota?

REITOR — As tentativas de envolver os parlamentares da cidade fracassaram por estarem envolvidos neste momento com problemas da Constituição. Todo mundo tem visto pelas denúncias que as concessões de rádio têm sido feitas por interesses políticos imediatos. Nesse sentido, a meu ver, há um desgaste para a universidade em insistir para obter esta concessão neste governo.

Diante disso, a nossa decisão é aliar com a seguinte visão que acho extremamente positiva. A UnB vai durar mais 50, 100, 200 anos como as universidades da Europa. Eu lamento profundamente que não possa ser na minha administração que já tem dinheiro reservado, local para antenas de rádio, tem o projeto feito. Mas eu lamentaria muito mais se para ter essa rádio um reitor de uma universidade tivesse que se submeter a qualquer mecanismo fisiológico para ter a concessão. E obviamente não haveria de minha parte concessão nesse sentido, não contrariar comigo para isto.

CAMPUS — O Sr. chegou a se informar quais seriam as formas não lícitas para se ter direito a esta concessão? Foram feitas propostas neste sentido?

Reitor — Quando a gente se aprofunda muito para saber como se faz conchavos, a gente termina dentro do conchavo. Eu lhe confesso que não cheguei a me aprofundar muito neste processo, eu me aprofundei no processo de pressão. Fiz pedidos ao governador para que ele intervisse no processo de concessão. Falei com o ministro Bornhausen pedindo que ele intervisse junto ao ministro das Comunicações. O governador José Aparecido chegou a intervir por telefone junto ao presidente José Sarney. Isso para mim é um processo de manifestação do interesse da insti-

tuição, que é aberto, sem nenhum sigilo. Eu falei e fiz cartas aos parlamentares que representam Brasília. Usei e mobilizei os sindicatos da cidade, líderes empresariais, inclusive pessoas que trabalham no Ministério das Comunicações. A única coisa que eu tentei mas não avancei muito, foi obter uma audiência com o Ministro das Comunicações e nunca recebi resposta. Diante disso, os detalhes dos conchavos eu não sei como são feitos para se conseguir uma rádio e acho que é perigoso saber. Quando você sabe, você termina dentro dele. Essas coisas você não aprende, você penetra e fica difícil, às vezes, sair.

CAMPUS — O Sr. analisa esta situação como falta de interesse das autoridades com a educação?

Reitor — Não vejo porque a universidade, com todo o futuro diante dela, não possa esperar a mudança de uma política para um momento em que um governo considere importantes as rádios universitárias, a educação. Eu não vejo porque a UnB não possa esperar por uma mudança política ou a mudança de um ministro, a mudança de

Fotógrafo: Rubens Rebouças



"Em vez de cair no desespero porque um ministro qualquer se nega a dar resposta à UnB, eu sou extremamente otimista quanto ao futuro"

TV A CABO

Informação ao alcance de todos

A TV a cabo, que está chegando ao Brasil, funciona, para o público consumidor, como o uso do telefone. Há uma adaptação no aparelho de TV doméstico e o telespectador compra a assinatura de determinados canais de TV, com direito de receber em casa a sua programação específica. É o veículo ideal de difusão de conhecimentos, de bolsa de dados, de informações especializadas em economia, política, ou qualquer outro assunto que se queira divulgar. Uma espécie de revista especializada, como as que povoam hoje as bancas de jornais dedicadas aos mais variados assuntos, a TV a cabo pode ser usada como um grande magazine audiovisual destinado a um público específico.

Para as universidades

um governo, ou a mudança de uma Constituição. A Universidade de Brasília tem todo seu futuro dentro dela e um dia vai ter sua rádio. É com esta visão que comuniquei a toda a comunidade que já estou preparando uma comissão para a elaboração do projeto da TV universitária. Acho que a Universidade de Brasília, a instituição, é mais importante do que o reitor. Eu gostaria de dar os primeiros passos do projeto televisão na minha gestão.

CAMPUS — O Sr. desiste da rádio?

Reitor — Eu não abdiquei de querer a rádio na minha gestão. Eu cheguei à conclusão de que é possível que a gente não consiga esta rádio, porque não há manifestações de interesse das autoridades em concederem esta rádio. Isso é a realidade. Para se ter a rádio agora, teria que ser uma rádio pirata, o que ficaria mal a própria UnB fazer. O que não é descartável que façam os alunos e professores. Vou continuar insistindo para conseguir a rádio e também a TV, só que não vejo como conseguir isto neste próximo mês. Um ano e meio é muito tempo, e não gostaria que o único compromisso

de todos que eu assumi que não faria fosse a rádio. Mas não vou ficar absolutamente frustrado se eu não conseguir sabendo que tudo foi feito; menos percorrer os meandros que levam à concessão.

CAMPUS — E o projeto da TV? Quem são as pessoas envolvidas até este momento?

Reitor — O professor Salomão a quem eu havia recorrido para sugestão de nomes para formar uma comissão, sugeri como uma ressalva, "sem presunção de esgotar os nomes", professores e alunos. Eu não tenho a menor idéia de quantos anos esse projeto de TV levará para ser viabilizado. Mas o importante é se ter a visão histórica, perceber o longo prazo. Ninguém pode administrar de verdade limitando o horizonte tempo. No momento em que temos um governo que dá prioridade à educação, que entenda a importância de uma atividade da Universidade de Brasília na comunidade, nós vamos ter a rádio e a televisão. Esse é um comportamento que deve-se ter em relação a todo Brasil. No meio desta crise toda eu vejo nascer um outro país. Em vez de cair no desespero, porque um ministro qualquer se nega a dar respostas à UnB, eu sou extremamente otimista quanto ao futuro. Lamento que nesse futuro provavelmente não estará a minha administração que tem apenas um ano e meio mais. Mas acredito que a filosofia da televisão deva ser muito parecida com a da rádio. Uma emissora da qual a comunidade interna e externa participe orientando que tipo de rádio e TV ela deseja. Com o objetivo de preencher a brecha que existe hoje no mercado de rádio e televisão.

CAMPUS — Como o Sr. vê uma TV, uma rádio, uma produtora de vídeo dentro da universidade?

Reitor — Nós estamos propondo uma mudança na Fundação Universidade de Brasília. Nós estamos levando para o conselho diretor da fundação a idéia de criar ao lado da UnB, como órgão vinculado mas não dentro da UnB, o centro FuB de produção e difusão cultural. A idéia é colocar neste centro a Editora, o CpCE, a rádio, a televisão, um teatro quando tiver, um centro de realização de grandes eventos culturais como foi o Flaac. Isso é o que está sendo proposto. Eu acho que isso deve estar em contato direto com a universidade mas não precisa ser uma coisa dentro da universidade, às vezes atrapalha estando.

CAMPUS — Quanto à reeleição?

Reitor — A grande maioria das coisas que se concebeu nesta universidade não vai gerar resultados nos próximos 10, 15 anos. Essas coisas certamente se ficarem, vão gerar frutos daqui a 20 ou 30 anos, ou mais. Se você empolga a comunidade e está na linha certa, não precisa ficar mais, daí e eu não ser a favor da reeleição para reitor. Eu acho que um reitor que em 4 anos consegue seguir a linha do futuro e empolgar a comunidade ele não precisa mais ficar.

CAMPUS — Quanto às verbas? A UnB está livre de qualquer tipo de empréstimo ou sacrifício para viabilizar os projetos de rádio e TV?

Reitor — Nós temos o dinheiro. Tanto para a rádio quanto para a TV. Nós temos competência. Dinheiro sem pedir a ninguém, sem pedir favores. Só precisamos da concessão. Para a TV, surge a possibilidade de um novo sistema, onde não é necessária a concessão. A TV por assinaturas. A TV a cabo.

Comunidade preocupada com furtos

Larissa Chagas

Professores, alunos e funcionários da UnB estão preocupados em resolver um grande problema: a onda de furtos e roubos que se instalou na Universidade. Segundo Valdomir dos Santos, Chefe do Serviço de Proteção ao Patrimônio (SPP), desde 1971 existem roubos, mas, nos últimos dois anos, a situação vem se agravando. A maior incidência ocorre com veículos e toca-fitas e, depois, com bens patrimoniais.

O que mais preocupa o SPP é o fato de os ladrões não deixarem vestígios. Não há sinais de arrombamento, fechaduras quebradas; nada que ofereça uma pista de quem são os assaltantes e de como praticam os roubos. Porém, no Centro de Produção Cultural e Educativa (CPECE), onde ocorreu, no carnaval, o roubo de duas câmeras VHS, o professor José D'Arrochela formulou a hipótese de os furtos estarem sendo realizados por pessoas que conhecem os equipamentos, pois os ladrões só levaram instrumentos de fácil comercialização, deixando de lado os profissionais.

Outro furto recente aconteceu no Anfiteatro 15: "Tínhamos guardado um vídeo cassete, que usávamos para divertir os alunos nos horários vagos, no armário do Anfiteatro, mas, quando voltamos das férias, o aparelho não estava mais lá", afirma Roberio Antunes, técnico em audiovisual da Diretoria de Ação Comunitária (DAC).

Valdomir atribui o surto de roubos principalmente à construção da UnB, que ele considera muito aberta: "A arquitetura de Brasília é bonita, mas não oferece a menor segurança. A Universidade serve como passarela para vários lugares, e aí o seu espaço fica fácil de ser violado". O chefe do SPP ainda reclama da deficiência de vigilantes, pois no momento, o quadro está com uma defasagem de dez funcionários em função de pedidos de demissão, mudanças de cargo e transferências. Não existe também um bom sistema de controle da entrada e saída de material, e as chaves que permitem o acesso a estes equipamentos estão nas mãos de muitas pessoas.

Prejuízo maior é para os alunos

O prejuízo para a UnB é grande, pois boa parte dos equipamentos é importada e, muitas vezes, é necessário desviar dinheiro destinado a um novo projeto para repor o material roubado. Porém, quem mais perde com a situação são os alunos, que vêem as suas tarefas comprometidas. Um exemplo é a paralisação do Telejornal, um trabalho da disciplina Telejornalismo, ministrada pelo professor D'Arrochela: "O jornal não pôde ser gravado em função do roubo das câmeras VHS".

O SPP está se organizando para aumentar a segurança em torno do Campus Universitário. A reitoria já designou uma comissão para resguardar o patrimônio da Fundação Universidade de Brasília (FUB) e instituir procedimentos de controle interno adequados aos interesses da UnB.

Um estudo para providenciar o conserto das janelas e portas quebradas, além das brechas existentes já está em prática, afirma Valdomir. "Haverá um maior controle das pessoas que frequentam a Universidade fora do horário do expediente, assim como do empréstimo de material", conclui o funcionário do SPP.

Para uma maior segurança dos veículos, a UnB contratou a firma particular Confederal Vigilância e Transporte de Valores. Os estacionamento, de acordo com proposta do SPP, serão cercados com estacas, impedindo, assim, a saída de automóveis pelo passeio. Os pátios da biblioteca e reitoria já estão sendo vigiados 24 horas por dia, e os demais de 7:00 às 19:00, de segunda-feira a sábado.



BCE ganha acervo de microfilmes

Sandra Brasil

Desde o início do mês, qualquer pessoa interessada já tem ao seu alcance um novíssimo acervo de jornais e revistas especializadas, sobre os mais diversos assuntos, todos em microfilmes. É possível encontrar, por exemplo, a revista "Design" que fala sobre arte no século XIX, o Jornal de Ciências Médicas de Israel e muito mais. São 600 títulos de periódicos, em cerca de 13 mil fitas de microfilmes à disposição do público na Biblioteca Central da UnB, na Sala de Microformatos, localizada no primeiro andar do prédio, em frente ao balcão de Periódicos.

Superequipada

Na Sala de Microformatos, inaugurada no dia 02 de março, existem ainda 14 máquinas "leitoras" para microfilmes e duas para microfichas, além de três "leitoras" copiadoras. Todo esse material é importado e foi doado à UnB, através do Projeto de Independência de Informações, desenvolvido pela Editora José Olympio. Entre as diversas vantagens da sala, em comparação ao resto da Biblioteca, está o ar condicionado, que funciona permanentemente, e as cadeiras acolchoadas.

O tempo, certamente, se encarregará de fazer com que as "leitoras" da nova sala tornem-se tão disputadas quanto as mesas do Acervo Geral da Biblioteca Central da UnB. Isto porque, segundo Tereza Holanda, vice-diretora da Biblioteca, "é necessário que as pessoas procurem uma maior convivência com o equipamento para se acostumarem a usá-lo". Os que mais visitam a sala, nesses primeiros dias após a inauguração, são professores e alunos de pós-graduação, "mais por curiosidade". Muito em breve, segundo Tereza, "eles passarão a sentir necessidade de recorrer a esses 600 títulos de periódicos. Acredito que, no mínimo, no prazo de um ano, todos os interessados se acostumarão ao novo processo".

Chegando à Sala de Microformatos, ninguém deve se envergonhar por querer conhecer o equipamento.

Projeto Independência de informações

O programa que a Editora José Olympio vem desenvolvendo, desde 1985, em conjunto com a Universidade de Brasília, sobre transferência de informações científicas e acadêmicas, levou a Biblioteca a adquirir, além de todo o equipamento da Sala de Microformatos, mas também, 12.500 teses de doutorado.

O Projeto Independência de Informações, beneficiado pela Lei Sarney, contou com o apoio da Xerox do Brasil, no valor de US\$ 1,5 milhão para a compra das 12.500 teses. Com isso, a Biblioteca da UnB é hoje a mais completa do Continente em assuntos de América Latina.

As teses, defendidas nos Estados Unidos, Europa, Canadá, e em outros países, são nas áreas de Matemática, Estatística, Ciência da Informação e Biblioteconomia. A maioria é sobre problemas da América Latina.

O que fazer à noite no "campus"?

Renato Afonso

Para coordenar as atividades noturnas na Universidade de Brasília, foi indicado recentemente pela reitoria o professor Leandro Amaral, do Departamento de Economia, até agora a única pessoa envolvida diretamente neste novo órgão da administração que é ligado ao Decanato de Extensão. A Coordenadoria de Atividades Noturnas visa organizar e viabilizar o desenvolvimento dos mais variados eventos dentro do campus no período da noite.

A partir do dia 19 de abril até 26 de maio, sempre de segunda a quinta, às 20 horas, apoiando-se no sucesso alcançado pelo curso "Sentido da Paixão", realizado no ano passado, acontecerá uma série de seminários, num total de vinte, sob o título de "Olhar". Promoções como essa ocorrem todos os semestres, porém espalhadas pelos departamentos e fora do controle centralizado na reitoria.

Desde que criada, o professor Leandro procurou entrar em contato com o Governo, através dos ministérios principalmente, das áreas técnicas, como Comunicações e Minas e Energia, a fim de conseguir verbas e ideias de possíveis cursos a serem ministrados no decorrer do ano letivo. Ele afirmou não ser a intenção da Coordenadoria implantar de logo cursos superiores à noite, como existem em outras universidades, mas apenas eventos paralelos de aperfeiçoamento, extensão ou visando a ampliação das ofertas de disciplinas.

Sônia Filgueiras



A doação recebida pela Biblioteca Central tem mais de 600 títulos de jornais e periódicos à disposição de alunos e professores da UnB

UnB/FLACSO

América Latina tem doutorado

Sandra Brasil

A UnB é a primeira universidade do continente a oferecer, a partir deste ano, Doutorado sobre a América Latina. A criação deste curso, de âmbito internacional, só se tornou possível por causa de um convênio assinado entre a UnB e a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais — FLACSO, que dividirão a responsabilidade.

Para que o doutorado em "Estudos Comparativos sobre a América Latina e Caribe" se transformasse em realidade foi fundamental também a obtenção, este mês, de milhares de teses de doutorado relativas ao Continente, defendidas nos Estados Unidos, Canadá, Europa e outros países. Segundo o professor Benicio Schmidt, Coordenador do Doutorado, essas teses constituem "insumo básico de pesquisa para curso".

Privilegio do Brasil

A realização deste curso de Doutorado

no Brasil deve-se ao fato de que nosso país é o que tem maior número de centros de pós-graduação em Ciências Sociais da América Latina e, de acordo com o programa de doutoramento, pode representar "um fator importante na abertura do Brasil para o resto do Continente".

Uma das exigências do curso aos cientistas sociais interessados em fazê-lo, é a elaboração de tese baseada em metodologia comparada, ou seja, abordando questões existentes em pelo menos dois países da região; e, também, é obrigatória a presença de alunos estrangeiros. Outra característica do Doutorado é a interdisciplinariedade dos estudos e pesquisas, abrangendo a Sociologia, Antropologia, Ciência Política e Relações Internacionais, Economia e História.

O objetivo principal do curso, de acordo com o Professor Benicio, é realizar um es-

tudo dos grandes desafios que a região deve enfrentar, mediante estratégias comparativas e interdisciplinares e, valendo-se do Convênio entre a FLACSO e a UnB, fortalecer os elos de solidariedade e cooperação científica e técnica entre os cientistas sociais e as instituições dos diferentes países do Continente".

Vantagens

Entre as muitas vantagens para os interessados neste Doutorado, vale a pena ressaltar que, após a conclusão do curso — que tem duração máxima de cinco anos, sendo dois de residência e três para pesquisa e elaboração de tese — serão dados dois diplomas: um de Doutorado em Sociologia ou em Antropologia, fornecido pela UnB, e outro pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais. Além disso, os estudantes receberão bolsa da CAPES (MEC), passagem e estada paga nos países em que realizará pesquisa para elaboração do trabalho acadêmico.

A CAPES também, garantirá bolsas aos pós-graduados e passagens e estadas aos docentes de outros Estados, que virão a Brasília realizar palestras para os 16 alunos do curso. Já o CNPq (MCT) fornecerá apoio aos docentes provenientes de outros países.

Acesso

Para o acesso ao Doutorado da UnB/FLACSO os candidatos devem apresentar, primeiramente, um projeto de tese, o que, segundo Benicio Schmidt, possivelmente, dificultará o ingresso de estudantes brasileiros ao curso "porque o Brasil não tem tradição de estudos comparativos, e o trabalho acadêmico deve ser baseado na metodologia "comparada". Os interessados serão submetidos também a uma entrevista com uma comissão de professores do curso, assim como é necessário que comprovem a capacidade de leitura fluente em inglês e em francês. Há ainda a análise de currículos dos candidatos.

Uma nova faculdade ganha espaço

Em muito pouco tempo, a Universidade de Brasília vai sediar a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais — FLACSO. Isso mesmo, dentro do Campus existirá uma instituição internacional, o que torna a UnB uma exceção em todo o Continente Sul-Americano. Isto porque o reitor Cristovam Buarque firmou protocolo com membros do Conselho Superior da FLACSO, no último dia 18, comprometendo-se em ceder terreno e prédio para que a Secretaria Geral da FLACSO no Brasil seja transferida do Rio de Janeiro para a UnB.

Segundo explicou o professor Benicio Schmidt, Coordenador do curso de Doutorado sobre a América Latina e Caribe oferecido pela UnB, em convênio

com a FLACSO, "vai ser preciso que a UnB construa um pavilhão simples, de uns 400 metros quadrados, mais ou menos".

A Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais é uma organização intencional, ligada à Unesco, que não tem sede fixa; atualmente a sua Secretaria Geral está situada na Costa Rica, já que seu Secretário é daquele país. Desta forma, logo que seja eleito um novo secretário, a Secretaria Geral será transferida para o país onde ele reside.

Hoje, existem vários programas da FLACSO que estão situados no Chile, Equador, Bolívia, Argentina, México, Costa Rica e Brasil.

Viração e Convergência transam DCE-Livre na UnB

Theresa Tostes

Após quatro anos de quase completa apatia às marcações de presença em assembleia geral, uma proposta pareceu sacudir grande parte dos 45% dos estudantes, que estabeleceram quórum para as últimas eleições de diretoria do DCE — Livre Honestino Guimarães: a proporcionalidade. Eleita a Chapa ATE QUANDO ESPERAR, a proporcionalidade na gestão foi oferecida às outras chapas, apesar de não regulamentada no estatuto eleitoral. A Chapa COMECAR DE NOVO não quis compartilhar o mandato e se apresentou como possível oposição. Atualmente MEU CORAÇÃO TEM UM DESEJO IMENSO e ATE QUANDO ESPERAR, leia-se Viração e Convergência Socialista, tentam concretizar a convivência das diferenças.

Divisão dos cargos

A diretoria atual se compõe de 27 nomes, sendo 15 coordenadores gerais e 12 responsáveis pelas seis comissões abertas. Segundo o estudante de História Wagner Soares da Silva, da Chapa Meu Coração (...), na distribuição dos cargos a proporcionalidade foi respeitada, cabendo à chapa vencedora 16 nomes e à sua 11. Em sua opinião o único problema deu-se na hora de estabelecer a comissão executiva, correspondente à presidência numa estrutura mais "oficialista". Decidiram em reunião de diretoria por uma comissão de três nomes, na qual a Viração não teve alguma representação. Para os membros da Até Quando Esperar a representação oficial tem que ser feita apenas por eles, já que não foi regulamentada a proporcionalidade e para que não haja empenhamento na condução dos trabalhos.

Atividades já realizadas

Do final de semestre atípico, com greve dos funcionários, ao esvaziamento da universidade nas férias, muitos acontecimentos exigiram uma atuação firme do

DCE: alimentação dos estudantes carentes durante a greve, expulsão de clandestinos do alojamento estudantil, proposta de complementação dos tickets do bandeirão já adquiridos pelo preço antigo, derrubada do bar comunitário Barbárie. Apesar de não ter conseguido em todas as oportunidades fazer valer sua posição, como no caso do Barbárie, o fato do segmento estudantil estar presente em reuniões da Administração Central da UnB e de outras instituições e entidades já é, para muitos, bastante significativo.

Neste semestre dois eventos mobilizaram a turma do "sindicato" estudantil: o XXV CONEG — Conselho Nacional de Entidades Gerais e a Maratona do chopp. O CONEG teve a participação de 48 DCEs de todo o país, definindo a política para 1988 da UNE — União Nacional dos Estudantes. A maratona do chopp envolveu mais de 70 duplas de calouros e veteranos, que amarrados pelos pés beberam 300 litros de chopp percorrendo seis centros acadêmicos, a partir da sede do DCE.

Sua participação no movimento das escolas particulares contra o decreto de liberação dos preços das mensalidades tem sido bastante elogiada.

Perspectivas para 1988

Segundo Chico Vila, da Convergência Socialista, "o DCE não vai funcionar sem a participação dos CAS. Nós temos plena consciência de que o DCE ainda não é um referencial para os estudantes; precisamos da participação de todos. Os centros acadêmicos são os intermediários da entidade geral dos estudantes, são eles que encaminham a discussão proposta pelos estudantes".

Cinésio Júnior converge com Wagner Soares (ATE e MEU) num ponto: a necessidade da renovação do discurso com mais irreverência e alegria, à luz de shows de Cássia Eller (descontração!) senão é a anticomunicação.

Esperada a reabertura do Barbárie

E alguém perguntou do Barbárie.

— O quê? — Aquele bar de 3 estudantes do departamento de História que foi derrubado pela administração da UnB, na madrugada do dia 5, e no começo das aulas chegou a funcionar duas vezes no Ceubinho.

Ai entra o Campus: Com permissão para trabalhar apenas durante eventos culturais promovidos pela UnB, o pessoal do Barbárie negocia com a prefeitura do Campus um local provisório para instalar-se até que se concretize a proposta da UnB de construir em dois meses um bar, através do Centro de Vivência, que será outorgado a entidades como o DCE para que estas o subloquem como queiram.

Wanderley Naves, João Nelson e Rinaldo Paceli, os donos do bar, por enquanto não fizeram um orçamento dos prejuízos que tiveram com a destruição da barraca que ainda nem tinham terminado de pagar. Segundo eles, a UnB se propôs a indenizá-los, mas mesmo assim, ainda estão recosos com relação às propostas da prefeitura. João Nelson teme que o local definitivo para o bar não chegue a ser construído por uma questão de prioridade de verbas, já escassas, na UnB. Além do que, para ele, a Administração tem a intenção de "jogar" o DCE contra eles, fazendo com que a entidade se interesse por manter consigo o bar ou por sublocá-lo, visando lucro.

Atualmente, a administração afirma que considera importante a iniciativa dos 3 estudantes porque mostra a existência de uma demanda latente que, agora eles já concordam, deve ser satisfeita. Contudo, o Reitor em outros tempos apoiou a existência do bar, dando-lhes permissão para usar a luz elétrica do campus e depois voltou atrás. Chegou a ignorar um abaixo assinado onde entidades como a ATA-FUB, a ADUnB e o DCE colocavam seu apoio à iniciativa do bar e pediam que ele não fosse derrubado até que se discutisse com a comunidade a validade da permanência do Barbárie na UnB.

Ainda sem discutir a nível comunitário a questão do Barbárie, que engloba problemas como a venda de bebida alcoólica a funcionários em horário de trabalho e a menores e sobre quem deve recair a responsabilidade pelas eventuais consequências disso, as negociações continuam. O prefeito Gunter Kohlsdorf, que se declara totalmente antiviolença, apesar de ter ido pessoalmente desmontar o bar, afirma que a prefeitura do campus não é uma instância decisória dentro da UnB e que apenas cumpriu a ordem do reitor de "zerar o processo" para que se reiniciassem as negociações da permanência do bar.

Segundo ele, os estudantes não foram fiéis às normas de um acordo que ditava que o Barbárie deveria "manejar", o que significa obedecer a horários para venda de bebida alcoólica e desmontar o bar até que recomeçassem as aulas.

Acusações à parte, o Barbárie ainda existe, apesar de não saber para onde vai. Enquanto isso, os estudantes deixam o material que conseguiram recuperar (freezers, caixas de cerveja, etc. coberto por uma lona no ICC, ao lado do Ceubinho, onde já lhes foram roubados dois engradados de cerveja, um cheio e um vazio.

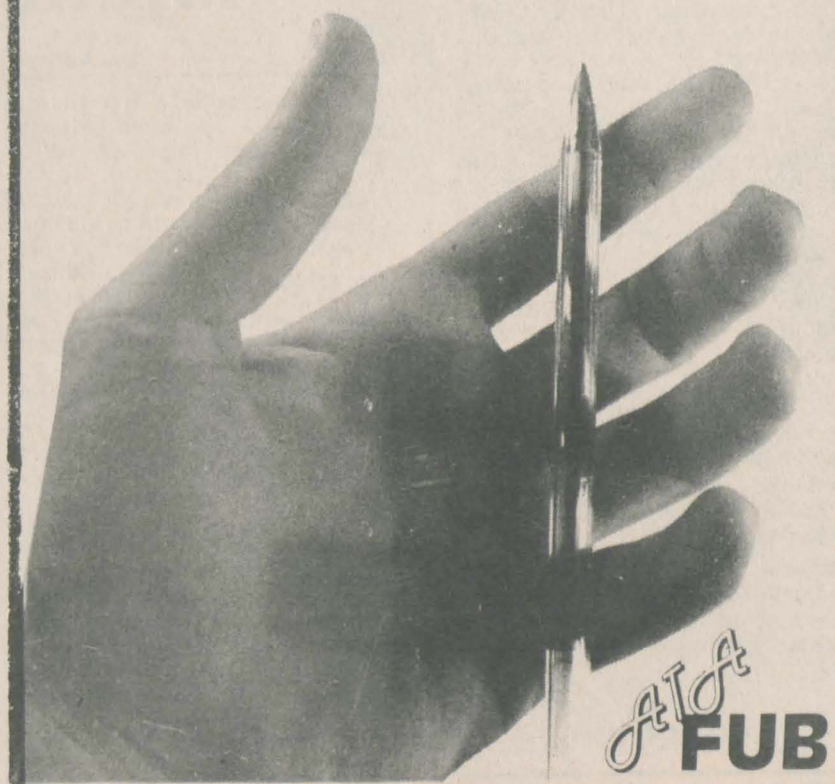


Fotógrafo: Usha Pontes

A SOLUÇÃO ESTÁ EM SUAS MÃOS

A força de uma associação depende do número de pessoas que ela representa. Com a ATA-FUB não é diferente. Quanto mais trabalhadores representamos maiores benefícios serão alcançados. Por isso você não deve se omitir. Nossas conquistas são também suas. Não deixe essa oportunidade escapar entre os dedos. A solução está em suas mãos. Venha lutar-se.

Associação dos Servidores do Corpo Técnico Administrativo da Fundação Universidade de Brasília. Telefones: 274-0022 R. 2471 274-4157.



AGENDA

Se você quer ter uma semana, artístico e culturalmente estimulante, na hora do almoço, apareça no Anf. 9, de 12:30 às 14:00hs.

Segunda-feira — teatro — apresentação de performances;

Terça-feira — "Canto de Encontro" — mais do que um karaokê com violão, esta é uma oportunidade de desfrutar para longe a timidez e compartilhar seus talentos com os colegas. Lá você poderá cantar, recitar e fazer performances. Procure o Fred Brasileiro disposto a dar aquele incentivo. (R: 2324).

Quarta-feira — música de câmara e música clássica. Informações: (R: 2338).

Quinta-feira — na série "Quintas musicais", prepare e aguce seus sentidos nos concertos que ocorrerão no "Ceubinho". Haverá espetáculos reunindo, de uma só vez, elencos musicais diversos.

Sexta-feira — "Fórum Livre" — como o próprio nome sugere, esta é uma oportunidade para debates expressando as mais diversas correntes políticas, econômicas, ideológicas, religiosas, filosóficas, sexuais, etc., bem como para shows poéticos — ilustrativos e lançamento de livros e discos. Se você pensa em trazer um escritor, artista ou cientista para debater com a comunidade universitária, ótimo. Procure o Sec/Dac que poderá lhe oferecer o seu apoio e infraestrutura necessários. (R: 2323).

Gostou? Pois é, esta é apenas uma amostra do que lhe aguarda. Vá a seguir as atividades desenvolvidas em cada área.

Núcleo de Teatro — Quem jamais experimentou a curiosidade de viver várias outras vidas e explorar suas contradições? Eis a sua chance de exercitar esta sensação de tantos sentimentos diferentes. Cresça, multiplicando os diversos "eus" que existem em você. Abaixo a cerimônia. Acima o ritual da representação que é renascer em cada "persona". Entre outras iniciativas, estão: apoio a grupos, montagens, leituras dramáticas, oficinas e tudo mais que se relacione às atividades cênicas. O Núcleo pretende convidar para debates na UnB, diretores e técnicos da área que estiverem em temporada pela cidade.

Já em andamento as seguintes opções:

— Oficina de Teatro — às terças e quintas, de 14:00 às 16:00 ou de 16:00 às 18:00, no SG-10, com Dimer Monteiro;

— Montagem de 3 peças vinculadas ao Projeto 68;

— Oficina de Som e Movimento — com Hugo Rodas

Mais informações com Dimer Monteiro ou Tetê Sobreira (R: 2324) no SEC/DAC.

Cine 2 Candangos fica no campus universitário Asa Norte, ao lado do Banco do Brasil, em frente à Faculdade de Educação.

Seus horários de funcionamento são:

De terça a sexta às 12:30, 18:30 e 20:30 horas.

Aos sábados e domingos às 18:30, 20:30 e 22:30 horas.

Uma vez por mês sessão bendita às 0:00, 2:00, 4:00 e 6:00 horas com café da manhã garantido. Esta maratoninha só é avisada na semana em que ocorre e exclusivamente aos habitués do cinema programado pelo CINECLUBE 2 Candangos — UnB.

PROGRAMAÇÃO DO MES DE ABRIL (05 a 24/04).

Crônica de um amor louco — de Marco Ferreri — de 05 a 10/04.

Salvador, o martírio de um povo — de Oliver Stone — de 12 a 17/04.

Noites de Verão — de Gunnel Lindblum — de 19 a 24/04.

Núcleo de Dança — Dançar é prolongar-se em gestos, balanços e movimentos trepidantes, contorcidos ou repuxados, e liberar "anjos e demônios", transcendendo limites que nem o corpo e a mente imaginavam alcançar. Entre nessa. Atrás do Departamento de Música, no prédio SG-10, você poderá obter informações com Márcia Duarte e Luis Mendonça. (Ramais: 2324 ou 2233). Atividades em desenvolvimento:

— Vivências Corporais (dança contemporânea) para adultos — às segundas e quartas, das 12:15 às 13:45;

— Iniciação ao Movimento à Dança (10 a 12 anos) — segundas, quartas e sextas.

— Pré-seleção dos grupos "Lapis Lazuli" (12 a 15 anos) — de segundas a sextas, em diversos horários.

Núcleo de Vídeo — com sessões diárias, às 12:00 e às 20:00, de segunda à sexta, você poderá assistir filmes consagrados e alternativos. Basta ir chegando e ir ficando no Anf. 15. A programação semanal se encontrará distribuída pelas paredes do Campus. A utilização da sala de vídeos está aberta à exibição de documentários ou filmes com fins acadêmicos, como apoio à aulas, seminários ou cursos, em diversos horários. Pretende-se, ainda este ano, oferecer oficinas de roteiro, direção e produção para todos os estudantes. Informe-se com Roberio no SEC/DAC (R: 2324).

Núcleo de Literatura — Dê vazão àquelas recônditas emoções que andam tão reprimidas no âmago do seu ser. Traga à tona os poetas, artistas e escritores latentes aí dentro. Professores, funcionários e alunos estão se reunindo, uma vez por semana, para discutir literatura e desenvolver atividades na área. Fale com o coordenador do Núcleo: prof. João Ferreira (R: 2324).

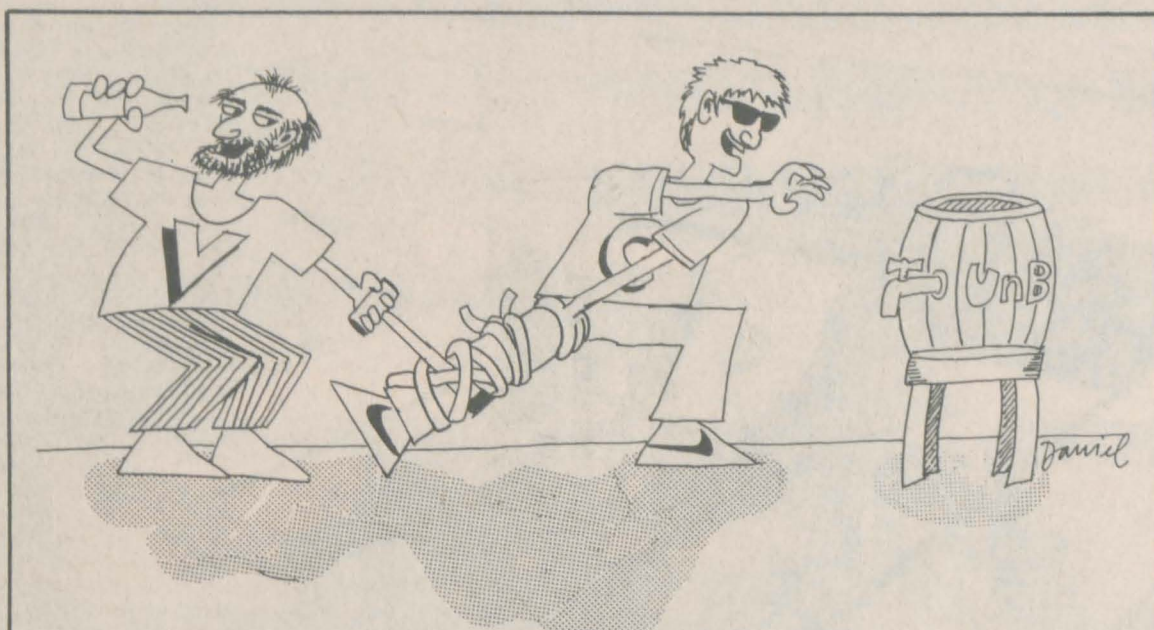
Corais — Com estilos variados, a UnB possui 3 corais. Para a programação anual, está prevista a gravação de um disco.

— O da UnB — ensaio no Anf. 9 — com o regente Emílio De César e o técnico vocal Francisco Farias;

— "Tanoshi Tori" (coral japonês) sob a responsabilidade de Marcus Vinicius;

— O dos funcionários (e dependentes) da UnB — sob a regência de Izaltina dos Santos.

LUIZA ADRIANA



• A primeira e já consagrada tradicional Maratona do Chopp abriu o ano letivo de forma bastante festiva. Promovida pelo DCE, a recepção aos calouros foi regada com 300 litros de chopp, distribuídos em sete pontos estratégicos entre centros acadêmicos e a sede do Diretório Central dos Estudantes. O roteiro foi o seguinte: DCE (sede no Ceubinho), C.A. de Sociologia, C.A. de Agronomia, C.A. de Comunicação, C.A. de Direito, C.A. de Administração e C.A. de História, de onde se voltava à sede do DCE. Quem quisesse participar da maratona tinha que se inscrever junto aos

fiscais, obedecendo a algumas regras. formar uma dupla de calouro/veterano, andar com os pés amarrados (formando uma dupla bem ligada), beber de canudinho nos copos etiquetados e completar as duas voltas no roteiro sugerido. A empreitada foi um sucesso que começou às onze horas da manhã e seguiu até às três da tarde com muito batue e som mecânico, além das revelações de karaokê improvisado. Há quem a tenha considerado pouco politizada, mas a crise universitária também permite momentos de descontração!

Grupo "Inteligência artificial" é criado

Theresa Tostes

Um grupo de 16 alunos se reúne semanalmente desde fins de abril de 1987 no Auditório da Engenharia Elétrica para estudar um assunto pouco divulgado na Universidade de Brasília: a inteligência artificial. Sua meta principal é a introdução dos alunos de graduação nos estudos de tal tema, até então restrito a um grupo de quatro professores e a iniciativas esparsas de docentes. Enfrentando bastante problemas no acesso a computadores, sua ferramenta básica, este grupo quer se configurar como núcleo de estudos do CEAM — Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da UnB, para poder falar em nome de sua universidade e obter mais apoio.

Devido à ausência de professores no grupo e à existência de um outro grupo — este de docentes — os alunos não conseguiram que se criasse o núcleo de estudos em sua primeira tentativa, mas se comprometeram a elaborar uma proposta conjunta com os demais envolvidos na área para ser apresentada ao Conselho Deliberativo do CEAM.

Durante o ano passado, o grupo que comporta integrantes com diferentes campos de interesse na inteligência artificial, predominantemente robótica e sistemas especialistas, se dedicou principalmente ao estudo dos últimos. Concluíram um na área de medicina e outro na de engenharia civil, sem dispor de algum computador da UnB, tendo em contrapartida total apoio da Embrapa — Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, numa espécie de convênio informal.

Os 16 alunos realizaram também cursos, palestras e estudo dirigido do livro "Introdução aos Sistemas Especialistas" de Horácio de Cunha. Atualmente desenvolvem com aquela empresa um projeto de sistemas especialistas para a agropecuária, não só para o diagnós-

tico de doenças mas também para o auxílio à administração e à decisão.

Quem são eles?

Da Engenharia Elétrica vem a maioria dos estudantes: Carla Maria Martins Gomes, Alberto Kazuo Nishiyama, Márcio Heidi Sugueda, José Fernando de Lucena Faria Dantas, Roberto Massaru Sambuchi, Rodrigo Luis Lopes Vidal, o idealizador do grupo, e Jakes de Lima Ricardo, atual coordenador-geral. O único pretensão físico é Edilberto Antunes Barros. Da Engenharia Mecânica estão Abel Barros Cavalcante e Ricardo Nery Aguiar Oliveira. Os alunos da Civil são Tiago Brito Spinola e Jean Mafra. O recém-criado Departamento de Ciência da Computação também tem seus representantes, Márcia Cardador e Roberto Tavares Fernandes. Aguardando vaga para o curso noturno na UnB, vem diretamente da Católica o aluno de Processamento de Dados, Márcio Márcio Barros da Silva, que é o programador do Centro Científico do IBDF-BSB. A interdisciplinaridade para eles é uma grande vantagem, porque amplia o entendimento do campo vasto da inteligência artificial.

Especialistas da Inteligência Artificial — A inteligência artificial é o "ramo da ciência da computação que trata das maneiras de representar o conhecimento por meio de símbolos, em lugar de números, e de regras práticas (rules) ou heurísticas em lugar dos métodos tradicionais de processamento de informação. O objetivo é compreender a inteligência natural — isto é, os processos pelos quais o homem (e outros animais) aprende, resolve problemas e entende idiomas — por meio da programação de máquinas (computadores) que simulam um comportamento inteligente", segundo Walter Celso de Lima e Jorge Muniz Barreto em seu artigo na Revista Ciência Hoje.

De acordo com o Grupo de

Estudos em Inteligência Artificial "durante algum tempo o tema foi deixado em segundo plano, pois no período de seu aparecimento não se encontravam aplicações práticas para ela. Com o surgimento dos primeiros sistemas especialistas e robôs verificou-se que esta área da pesquisa era imprescindível ao desenvolvimento tecnológico de qualquer país".

Criando um Núcleo de Estudos — Sexta-feira, dia 25 de março, foi dia importante para um novo tratamento da questão, da feitura de um núcleo de estudos avançados de inteligência artificial. Houve às cinco horas da tarde no Departamento de Ciência da Computação uma reunião de todos, ou quase todos, os interessados na área para um consenso a respeito de pontos que norteavam a problemática da criação ou não do núcleo.

Segundo o professor Neantro Saavedra Rivano, recém-ingresso no Departamento de Ciência da Computação mas com larga experiência e pesquisa no assunto, a maior dúvida era a existência de uma massa crítica real para o início e, sobretudo, para a continuidade dos estudos e sua manutenção em alto nível. A conclusão dos presentes, dentre eles representantes da Embrapa, do Prodases, do CNPq, do Grupo de Estudos em Inteligência Artificial (o grupo dos alunos), do Grupo de Inteligência Artificial (o grupo dos docentes) e ainda, informalmente, da IBM, foi positiva.

No dia 7 de abril, haverá uma outra reunião onde será examinada uma proposta de estatuto com uma estrutura organizacional ágil, que diz o professor Neantro, terá duas instâncias: um comitê coordenador e os integrantes. O comitê será composto de quatro coordenadores, um para seminários, outro para extensão e comunicações (fará inclusive um boletim informativo), um para projetos especiais (ex.: colóquios) e outro para finanças.

Fátima Lima
Mariana Novaes

Em decorrência da polêmica causada pela matéria "Caça aos picaretas, publicada pelo Campus nº 107, a Reitoria modificou o processo de avaliação dos docentes da UnB.

O Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação estava elaborando uma lista negra de professores improdutivos desde 1980, levando em consideração somente o número de trabalhos científicos publicados. Devido ao descontentamento do corpo docente, em relação ao critério adotado para avaliação do seu desempenho, o Decanato agora, além da produção científica avaliará as demais atividades do professor.

Segundo o decano Isaac Roitman, "a produção científica é agora apenas um dos parâmetros para se analisar as atividades do professor". Assim, está em andamento a coleta de dados, não somente da produção científica, mas também da produção artística e cultural, atividades de ensino a nível de graduação e pós-graduação, atividades de extensão, orientação de alunos (individual e em grupo), orientação em estágios, orientação de teses de mestrado, doutorado e procedimentos administrativos.

Cada decanato ficará responsável pela computação e análise das informações de acordo com a sua atividade.

Para o decano, "a produtividade da UnB está muito aquém do que se pode fazer, comparando com as universidades do primeiro mundo. Mas em relação às universidades brasileiras, a nossa produtividade está muito boa, tanto que provavelmente a produtividade per capita (número de trabalhos/professor) é a melhor do Brasil". Ele afirma também que não acha suficiente apenas a análise quantitativa e, isso, será feita posteriormente pela Comissão de Avaliação Institucional uma análise da qualidade, considerando as peculiaridades de cada área de conhecimento.

Um dos objetivos dessa coleta de dados é fazer um cadastro com o nome do professor, sua titulação, o curso que fez e sua área de pesquisa. Dessa forma, o Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação conhecerá o perfil dos professores pesquisadores da UnB, auxiliando o processo de seleção dos projetos a serem recomendados para as agências financiadoras.

Esses dados também serão utilizados pela Comissão de Avaliação Institucional, sob a

coordenação da professora Isaura Belloni, como fonte de informação para a avaliação da produção acadêmica da UnB.

Atualmente, a Comissão pretende: 1) ampliar a amostra voluntária de departamentos participantes da avaliação do desempenho em ensino de graduação; 2) tentar incorporar alguns problemas da pós-graduação nessa avaliação; 3) testar e elaborar instrumentos para avaliar a extensão e os procedimentos administrativos; 4) complementar o trabalho do Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação, no sentido da avaliação da produção científica, artística e cultural.

Uma das questões em discussão no Conselho de Ensino e Pesquisa refere-se à participação obrigatória de todos os departamentos e professores na avaliação, ou seja, que se faça essa avaliação em nível institucional. Segundo a professora Isaura Belloni, "essa decisão deve partir da universidade como um todo".

USP

Ao contrário do que ocorreu na Universidade de São Paulo, onde foi feita uma lista dos docentes que nada publicaram no biênio 85/86, o objetivo da avaliação na UnB é detectar os acertos e dificuldades existentes em cada uma das atividades acadêmicas, cabendo à administração e aos departamentos tentar resolvê-las.

A lista da USP, publicada pela Folha de S. Paulo, na opinião do decano Isaac Roitman não acrescentou nada ao processo de avaliação e provocou fortes reações, uma moção dos pró-reitores de pesquisa e pós-graduação de todas as universidades brasileiras, reunidas semanas atrás em Brasília, condenando a sua publicação. Para a professora Isaura Belloni, somente quando o instrumento de avaliação estiver legitimado, o resultado deve se tornar público. Para isso, segundo ela, é necessário que se discuta internamente como organizar a divulgação desse resultado, tanto para a comunidade acadêmica como para a comunidade em geral.

A respeito das punições, tanto o decano Isaac Roitman como a professora Isaura Belloni, julgam que, caso um professor realmente não esteja colaborando para a melhoria das atividades desenvolvidas na UnB, as providências necessárias devem ficar a cargo dos departamentos.

Apartamentos: fila vale a pena

Claudia Valéria

Novas listas de interessados em adquirir apartamentos funcionais da UnB vão ser organizadas a partir de novembro deste ano, afirma o professor Olavo Colela, chefe do Serviço de Patrimônio Imobiliário da Universidade (SPI).

Atualmente, a UnB dispõe de 534 apartamentos distribuídos pelas SQNs 107, 205, e 206, SQS 311 e Colina. Destes, 255 estão alugados a pessoas que não têm ligação alguma com a universidade. A causa disso é que, à época em que foram abertas vagas para preencher os primeiros apartamentos, o aluguel era igual ou maior que o preço de mercado. Isto afastou os funcionários da UnB.

Mas a esse número vão ser anexados mais 264 apartamentos de dois, três e quatro quartos que estarão à disposição dos técnicos administrativos e docentes ao final das construções na Colina. São seis prédios, dos quais o primeiro está previsto para conclusão em fevereiro do próximo ano.

Assim, quem estiver interessado deverá se dirigir ao Centro de Custos de seu departamento e se cadastrar. Os pedidos serão submetidos a uma Comissão de Moradia que estabelecerá os critérios de distribuição dos imóveis. Esta comissão é composta por Reitor, Vice-reitor, Decanos de Assuntos Comunitários

e de Administração e Finanças, Chefe do Serviço de Patrimônio Imobiliário e diretores de institutos.

Hoje, 180 pessoas que fazem parte de uma lista de espera configurada em 1985 aguardam uma vaga em um desses apartamentos. Há casos como o de Chirre Rachid, funcionário do CPD há dez anos, que ele tem que desocupar sua atual residência em dois meses e não tem certeza de que até lá já tenha saído o seu apartamento funcionário. Chirre é o segundo na lista para um apartamento de três quartos na 206 Norte. Mas ele sabe que o SPI não pode agilizar esse processo.

Como os primeiros apartamentos foram negociados com contratos de um ano regidos pela Lei do Inquilinato, o morador tem direito à reforma automática de seu contrato ao fim deste prazo.

Assim, a permanência no imóvel torna-se muito cômoda para o ocupante até que o dono possa, depois de 5 anos de locação, pedir uma revisão de aluguel que equipare os preços com o mercado. É geralmente depois desse processo, de um ano de duração, que o antigo morador deixa o apartamento à disposição da UnB.

Mesmo assim, diz Maria Lucia Loyola, funcionária da FT e integrante da lista de espera, vale a pena esperar para ter uma moradia mais estável e não tão cara (cerca de 60% do preço de mercado).

A realidade do DF segundo o PCB

Mauro Porto

Sob a iniciativa do Partido Comunista Brasileiro, foi constituído em Brasília o Instituto Astrogildo Pereira. O lançamento do Instituto se deu com um debate realizado dia 30 de março que contou com a participação do reitor Cristóvam Buarque, do presidente nacional do PCB, Salomão Malina, e do líder do PCB na Constituinte, deputado Roberto Freire.

O debate, realizado no Auditório da Reitoria da UnB, faz parte do seminário "Realidade do Distrito Federal", cujo objetivo é pesquisar sobre os

problemas nacionais na perspectiva do socialismo. O próximo tema a ser debatido é "a realidade econômica, social e política do Distrito Federal", realizado no dia 5 de abril, às 11 horas, no auditório da Reitoria. Participarão deste debate o professor Leandro Amaral, da UnB, Davi Emerich, Diretor Regional do PCB, Maria de Lourdes Abadia, deputada PFL-DF, Luiz Carlos Sigmarina, deputado PMDB-DF e o senador Pompeu de Sousa, PMDB-DF.

O último tema do seminário é "A Conjuntura Política do Distrito Federal", a ser realizado no dia 6 de abril, às 11 horas no mesmo auditório.

Falta pessoal para a lojinha da EDU abrir

Luiza Adriana

Como pode a livraria representante de uma editora, situada num lugar de muito movimento comercial, fechar durante todo o mês de janeiro, nas greves e na hora de almoço? Parece irreal, mas não é. Esta é a situação da livraria da Editora da UnB — EDU — que, apesar da respeitabilidade conquistada, desperdiça potencial de compra de cerca de 15 mil pessoas que circulam pelo campus diariamente.

Desde sua criação, em 1962, a editora manteve seu posto de vendas localizado no prédio Dois Candangos, dificultando o acesso de estudantes, professores e funcionários, que, devido à distância, não procuravam conhecer novos lançamentos. Hoje, com uma política de marketing em execução — voltada principalmente ao público externo — e com uma loja no minhocão, as vendas aumentaram consi-

deravelmente. No entanto, a falta de estrutura de funcionamento adequada não permite a comercialização atingir toda sua força.

O vice-diretor da EDU, e responsável pela área de comercialização, Alexandre Lima, acredita que a contratação de alunos bolsistas em diversos horários, especialmente no almoço, atenuaria as atuais dificuldades. Diante da impossibilidade de remanejamento de funcionários de outros setores — a maioria carente de mão-de-obra — ou admissão de novos empregados, "a menos que o presidente da República revogue o decreto que proíbe a contratação de novos atendentes, os alunos bolsistas seriam uma opção", explica.

Nicolina Amorelli de Albuquerque, ou Nisinha, funcionária administrativa na lojinha, aguarda desde a inauguração em 1986 as estantes que ajudariam a melhor distribuição do espaço, já pequeno.

Prestativa e bem-humorada, reconhece que o maior problema é a falta de verbas, que impede a contratação de outras pessoas para auxiliá-la no atendimento de clientes.

Assim, as críticas à lojinha são constantes. Jales Ramos Marques, pós-graduando do Departamento de Ciências Políticas e Relações Internacionais, alerta que livros indicados na bibliografia básica estão esgotados. "As publicações essenciais a cada curso deveriam ter prioridade e estar sempre nas prateleiras", reclama. Embora reconheça a boa qualidade dos lançamentos, reivindica mais pessoas para atender os leitores. "As vezes, no intervalo de uma aula e outra, penso em providenciar a aquisição de um livro", conta Jales. "Mas, quando penso no balcão cheio e na demora do atendimento, desisto. Apesar de ter agilidade e muita boa vontade, a única atendente fica muito sobrecarregada", finaliza.

Corta essa, rede e manchete

AIKIDO

A arte dos Samurais no Século XX

Mais que uma luta, uma arte. Mais que um esporte, uma filosofia. Menos popular que seus "compatriotas" sumô, judô e karatê (de características de competição), seu objetivo é juntar saúde e eficiência como defesa, procurando um perfeito equilíbrio. É o Aikidô, fundado na primeira metade deste século pelo mestre Morihei Ueshiba como um conceito novo, que permite um maior crescimento, participação e integração entre seus praticantes, ultrapassando os limites do esporte. Seu embasamento filosófico é oriundo da cidade de Kameoka, porém, Tóquio é seu principal centro de divulgação.

O aikidô chegou ao Brasil através do professor Terezo Nakatani, inicialmente em São Paulo, mas é Brasília que, atualmente, possui o centro mais desenvolvido, com cerca de sete academias. A hierarquia das faixas está muito ligada à do judô, classificada pelas mesmas cores (branca, azul, amarela, laranja, verde, roxa, marrom e preta, nesta ordem). Atíngida a condição de faixa preta, o praticante passa a usar uma vestimenta especial, a hakama, uma saia-calça que indica a origem nobre da pessoa e representa a evolução.

Desde sua origem, não há campeonatos no aikidô. Proibidos pois "criariam limitações de ordem técnica que prejudicariam seus movimentos coreográficos", explica Antônio Tibery, faixa-preta em Brasília e reconhecido mundialmente. "Nós fazemos apenas demonstrações, apresentações", completa...

A prática do aikidô se faz com o corpo descontraido, e envolve torção de articulações e movimentos de projeção e imobilização, considerada pelo mestre Ueshiba como a melhor maneira para se "vencer" um oponente. É um ensinamento de ordem moral, pois evita lesões ou mortes, o que o diferencia das demais artes marciais. São cinco os movimentos básicos. No treinamento, kata, há sempre um atacante e um defensor definidos. Este último deve sempre vencer para "desestimular" a agressividade. "Se tal não acontece, é porque a técnica utilizada por quem defende não está boa", afirma Tibery. Além do corpo, alguns instrumentos como bastão e espada são utilizados; todos obedecendo a seus critérios básicos "que não podem ser conflitantes entre si".

Filosofia

Aikidô significa "caminho harmonioso para o ki". Segundo a filosofia, o ki é a energia que todos os seres vivos (homem, animais, plantas) possuem, mas que não sabem disto. É um poder ilimitado que age a nível de subconsciente, estando relacionado ao sexto sentido e à percepção extra-sensorial. Desenvolver o ki é o principal alvo desta arte marcial, e para isto é necessário concentração, confiança e tranquilidade mental do indivíduo. "Para se defender de alguém é preciso estar calmo e preparado para prever o movimento que se vai executar. É um caminho difícil a ser trilhado, só atingido com muita prática. A vaidade, o medo, a raiva, tudo poderá ser controlado mais facilmente desta forma", explica Tibery.

Existe a possibilidade de se criar, dentro da UnB, uma academia de aikidô. Flávio Montiel, ex-presidente da UNE, formado em Arquitetura pela UnB e faixa preta de aikidô, já fez contatos com a administração da universidade e é quem lidera este projeto. "O assunto está sendo estudado e não sei ao certo em que ponto está. Sei apenas que há quatro alunos da UnB que praticam na Academia do Colégio Planalto e, caso este projeto dê certo, já existem outros interessados que estão catalogados. Com uma boa divulgação, certamente teremos muitos adeptos", conclui Tibery.

Reportagem e Edição: Marcos Pinheiro

Oswaldo Buarim



"Dois clubes, dois estilos diferentes, duas forças do karatê"

Pára-quedismo na luta por um espaço

Registrado oficialmente, porém desestruturado e esquecido dentro de uma pasta de documentos da AAAUnB. Com uma pessoa disposta a reerguê-lo, porém, com pouco apoio para tal. E nesta situação que se encontra o Clube Desportivo Universitário de Pára-quedismo, desconhecido para muitos, mas que já agitou o "espaço aéreo" da nossa Universidade. Dos 47 atletas que participaram das duas primeiras turmas restam apenas uns quatro ou cinco em atividade. E somente um para "contar a estória"...

Em 1983, graças ao incentivo do professor Mário Cantarino (atualmente chefe do Departamento de Educação Física), foi feito o primeiro curso, na época totalmente financiado pela UnB, através da Diretoria de Assuntos Comunitários (DAC). Por meio de contato com o Clube Brasília de Pára-quedismo conseguiu-se cinco monitores para as aulas (um dos quais filho do professor Cantarino). O curso realizou-se em quatro finais de semana, onde foram abordados itens como dobragem do pára-quedas, procedimentos de emergência, navegação e aterragem. Depois de um mês de curso, foi realizada uma prova teórica e, posteriormente, o primeiro salto; aproximadamente trinta dias depois houve o segundo salto. Ambos tiveram como local a cidade de Formosa, já que o espaço aéreo de Brasília não permite saltos de instrução. "Somente o Hipódromo da

cidade permite este tipo de salto, porém na época, suas condições estavam impraticáveis", explica Wagner Mesquita, tesoureiro da AAAUnB, e um dos únicos remanescentes desta turma.

Em 1984 o novo curso contou com aproximadamente 20 participantes. Desta vez, porém, os saltos não foram financiados pela Universidade, o que provocou um certo desestímulo nos atletas. "O pára-quedismo é um esporte caro, principalmente se analisarmos a parte de saltos. Cada um custa, atualmente Cz\$ 1.500,00. Era "jogar dinheiro fora", se são poucos os que realmente vão continuar praticando", afirma Wagner. Com este problema, o esporte passou da ação aos arquivos da AAAUnB. Em 1986 houve uma nova tentativa de reestruturação do clube, que ficou no papel. Os incentivadores, poucos, acabaram preferindo filiar-se a um clube de fora do que ficar no CDU.

Chegamos a 1988. Apesar da falta de pessoal, e conseqüentemente de verba, o pára-quedismo quer novamente levantar voo. É necessário, porém, que haja quem esteja disposto a isto. "Não adiantaria fazer um campeonato atualmente, pois quase ninguém competiria. O ideal seria que fizessem pelo menos dois cursos por ano, para que surjam novos atletas. Por não termos diretoria definida, o que significa um mínimo de estrutura, fica difícil fazer qualquer coisa", conclui Wagner.

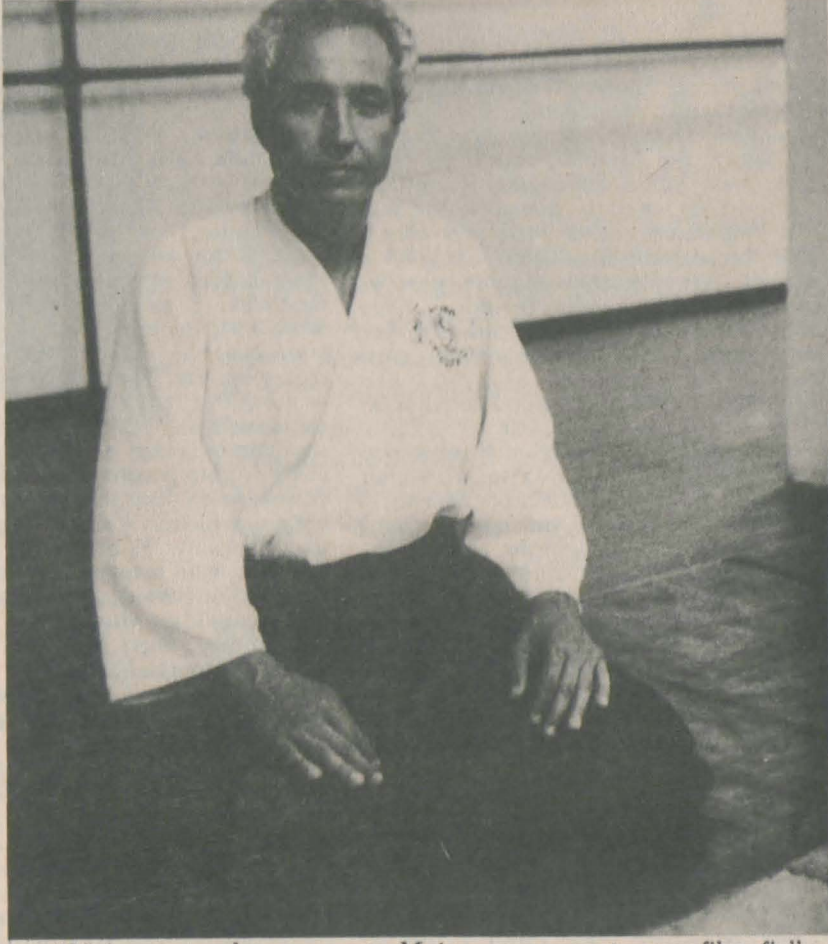
O salto de instrução

Para este tipo de salto, aqui no Brasil, são utilizados pára-quedas do tipo T-10, para os chamados "saltos-de-gancho". Após o avião chegar a uma certa altura, o pára-quedista salta com um gancho preso à sua bolsa e à aeronave; o pára-quedas vai se desprendendo da mochila até o máximo; aí um elástico se solta e o pára-quedas se abre. Esta etapa demora somente quatro segundos, na qual o atleta percorrerá 40 metros. A queda, com pára-quedas aberto, dura de cinco

a quinze minutos.

Enquanto que para se tornar um pára-quedista no Brasil é necessário realizar sete saltos (antes dos quais o praticante é chamado de "manicaca", giria do meio), nos Estados Unidos, tal objetivo é alcançado logo após o primeiro salto. Isto porque lá o atleta não salta com nenhum gancho, mas com o instrutor ao lado para auxiliá-lo. Após 30 segundos de queda livre é içado o pára-quedas.

Paulo Rossi



"Mais que uma luta, uma arte. Mais que um esporte, uma filosofia"

Clareadores do Futuro x Inocáveis; Veneno x Peladeiros; Pé Inchado x Farofinha. Estes e outros nomes estranhos e curiosos estão sacando, bloqueando, levantando e cortando: é o 1 Torneio Aberto de Vôlei de Quadra, organizado pelo Clube Desportivo Universitário (CDUV) com o objetivo de integrar os alunos da universidade, além de servir como fonte de renda e promoção para próprio clube. O Centro Olímpico está sendo a sede desta nova "festa", que começou no último dia 27, e vai rolar até meados de abril, sempre às segundas, quartas e sextas à noite, e domingos à tarde.

Com vários cartazes espalhados pela UnB anunciando o evento, as inscrições foram feitas na Ala Norte ("Ceabinho"), onde foi cobrada uma taxa de Cz\$ 150,00 por atleta. Quinze equipes se inscreveram, sendo divididas pela tabela em três chaves de quatro e uma de três, de onde se classificarão as duas primeiras colocadas. Na segunda fase os oito times

serão redivididos em dois grupos de quatro, passando novamente os dois primeiros lugares. As semifinais serão definidas por cruzamento olímpico, ou seja, o primeiro colocado de uma chave enfrentará o segundo da outra e vice-versa. Os vencedores disputarão a final.

Segundo Eliane, aluna de Educação Física e presidente do CDUV, o nível da competição está muito bom, pois reúne alguns dos melhores jogadores da Universidade. "Nossa intenção era chamar também quem nunca treinou, já que o campeonato foi aberto à comunidade. Mas, geralmente, quem se interessa são os que estão sempre por aqui treinando", afirma. O torneio conta inclusive, com a participação de ex-alunos e de um time de funcionários; nenhum professor, no entanto, se interessou em integrar a uma equipe. A participação feminina também foi pequena. "Apesar dos times poderem ser facultativamente mistos, somente

três meninas se interessaram", lamenta Eliane. Ao final da competição, o clube de vôlei pretende aplicar alguns questionários, visando buscar opiniões e sugestões.

Sem dúvida a grande conquista do CDUV para este ano é a possibilidade da equipe masculina, atualmente com 18 atletas regularmente treinando, disputar o campeonato brasileiro adulto. No entanto, atuará em "condições especiais", como convidado da Federação. Isto porque, segundo a legislação esportiva, o clube, como universitário, não tem direito a disputar competições de caráter classista. Portanto, caso a equipe seja campeã ou vice, não poderá participar do campeonato brasileiro ao lado de grandes forças como Pirelli, Fiat/Minas e Banepa. "Se por um lado é um estímulo termos um objetivo para treinar por outro será frustrante se chegarmos entre os dois primeiros. É ganhar e não levar", concluiu Eliane.

KARATÊ

Dois estilos que movem a UnB

As "feras" estão de volta ao Centro Olímpico. Com mais organização, procuraram intensificar a propaganda. Melhor estruturados, prometem um calendário repleto de atividades para 1988. É comum ao se percorrer o campus, encontrar diversos cartazes espalhados, ou mesmo esbarrar com um dos atletas distribuindo folhetos, visando conquistar novos adeptos. As siglas CDUK (Clube Desportivo Universitário de Karatê, estilo GOJU-RYU comandado por André Luis), e CDUKU (do estilo UEICHI-RYU, do mestre Wellington Sampaio) se tornaram uma constante na "paisagem" da Universidade. Dois clubes, dois estilos diferentes, duas forças que movem o Karatê da Universidade de Brasília.

Apesar de ambos terem sido formados no final do ano passado, o CDUK conta, sem dúvida, com maior número de atletas (aproximadamente 50), pois pertence a um estilo mais difundido no Brasil, além do que a maior parte de seus integrantes é composta de alunos já antigos na UnB. Ainda não podendo utilizar a verba da AAAUnB para este ano, sua fonte de renda tem sido a taxa cobrada pela semestralidade, num valor de dois mil cruzados por atleta. Com

este montante foi possível a compra do livro-ata, de papel para a propaganda e de material para os treinos. E, como primeira atração, está sendo organizado para final de abril o 1 Torneio Brasileiro Universitário de Karatê, a ser realizado no Centro Olímpico da UnB, aberto a todas as academias, para onde serão enviados convites. "Para participar basta ser universitário, daqui ou de fora, independente do estilo", explica André. Para a divulgação do torneio, o CDUK pretende também afixar, em lugares de grande movimento, como shopping centers e paradas de ônibus, vários cartazes. "A inscrição deverá ser feita um sábado antes da competição, quando será feita a pesagem. Tomando por base a participação dos meus atletas, somando ao pessoal convidado, creio que poderemos contar com 60 a 70 karatecas", afirma.

Com menos pessoal, mas com muita força de vontade, o CDUKU também promete uma agenda cheia, sobretudo em torneios externos. Wellington, seu presidente, conquistou recentemente o segundo lugar no campeonato da cidade; além disso foi convocado para compor a seleção brasileira, treinada pelo mestre Testa, que irá disputar o próximo

campeonato brasileiro (do qual Brasília detém o título). No início do segundo semestre o clube promoverá um torneio interno, somente de estilo UEICHI-RYU. "Posteriormente é nossa intenção promover uma outra competição, esta aberta a toda Universidade. Nossa turma realmente não é muito grande, mas creio que é até melhor trabalhar com menos atletas, pois facilita o aprendizado do Karatê", explica o mestre. Além da convocação para a seleção local, Wellington foi indicado pelo professor Mário Cantarino, chefe do Departamento de Educação Física, para ministrar aulas de defesa pessoal para os vigilantes da UnB.

A grande novidade do calendário do karatê, no entanto, está reservada para o final do ano. Será o Torneio Aberto, idealizado por André e Wellington desde 87 e que poderá se concretizar. A proposta é que todos possam participar, sem distinção de estilo, idade e ser ou não universitário. Outras competições fatalmente acontecerão antes; mas este poderá ser o grande confronto entre as duas turmas, CDUK e CDUKU. E mais uma vez os dois mestres irão se encontrar...

CASA, COMIDA E ROUPA LAVADA

O CIP-DEX está promovendo intercâmbio entre estudantes da UnB e de universidades estrangeiras. Mas para que os nossos possam ir é preciso que os que estão chegando tenham onde ficar. Se você tem condições de hospedar alguém entre em contato conosco. A nacionalidade do seu hóspede e o tempo que ele pode ficar, você escolhe. Isto é intercâmbio.



CIP-DEX: Centro de Apoio a Intercâmbio e Programas Internacionais. Telefones: 274-2649 e 274-0022 R. 2614.

MÁRIO COVAS

Oswaldo Buarim Júnior



"Não vejo a hora do presidente Sarney ter o seu próprio partido e deixar o PMDB. Até o Prisco Viana se elegeu pelo PMDB. Mas eu ainda acredito nesta legenda. Não estou pensando em sair, não agora. Quando eu sair do PMDB, vocês vão ouvir: eu deixei o PMDB".

“Só quero garantir as eleições agora, em 88”

Aos 54 anos de idade, três pontes de safena, o líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas é um dos mais fortes opositores do Governo Sarney. Desde os primeiros deslizos do Palácio do Planalto, Covas defende o rompimento total do PMDB com o Governo. Mas é uma luta que ele vem travando quase sozinho, por causa do fisiologismo implícito na maioria dos membros do partido.

Na votação do sistema de governo e do mandato permanente do presidente da República, Mário Covas foi derrotado pelo próprio PMDB, que deu ao presidente Sarney o sistema e o mandato que ele tanto queria: presidencialismo com cinco anos.

O senador Covas assistiu sentado a sua derrota. Ele não subiu a tribuna para defender o sistema parlamentarista de governo. Preferiu guardar o discurso emocionado para as disposições transitórias, quando será votado o mandato do presidente Sarney. Ele sabe que vai ser difícil reduzir o mandato do atual presidente, mas mantém o mesmo otimismo de sempre. Covas acredita que ainda teremos eleições presidenciais este ano, fazer presidente o candidato do PMDB e unir o partido em torno do programa aprovado na convenção.

Nessa entrevista exclusiva ao jornal "CAMPUS", o senador mais votado do País revela posições e idéias que podem fazer dele o candidato do PMDB à Presidência, embora ele mesmo se negue a concorrer à sucessão do presidente Sarney.

Flávio Guilherme e Oswaldo Buarim Júnior

Campus: O Sr. não acha que hoje o PMDB é um partido muito contraditório nas suas posições?

Senador: As diferenças culturais, sociais e econômicas normalmente existem em todas as regiões do Brasil. E um partido nacional necessariamente reflete essas contradições, a não ser que se possa ter partidos regionais. E eu não reivindico um partido estreito. E preciso não confundir uma frente que é uma associação de pessoas cuja a lealdade não está com o seu partido de origem, com um partido que ideologicamente abrange um marco razoável. Acho que dentro dessas condições o PMDB tem condição de sobreviver como partido, mas o que se precisa em cada programa é respeitar a aferição democrática interna.

Campus: O Sr. acha que o partido sai com o mesmo peso político que entrou na Assembléia Nacional Constituinte?

Senador: Se você me perguntasse se o PMDB ainda tem lugar num regime democrático, eu diria que tem, não apenas pela sua história, mas também pelas suas perspectivas futuras. Agora, ou ele se adapta aos novos tempos, ou ele tem consciência que construir uma democracia não é a mesma coisa que resistir à ditadura, ou passa a ter uma vida democrática interna, ou então ele vai ter uma tremenda dificuldade de sobreviver. A crise que se abate no PMDB não é nas pontas do partido, é no miolo, onde estão aqueles que têm dado rumo ao PMDB, e só se muda na medida em que o partido reencontra o seu nível de compromisso.

Campus: O Sr. acha isso possível?

Senador: Enquanto eu for líder do PMDB, eu vou lutar para que isso aconteça. Eu acredito que ainda possamos ver o casamento do programa do partido com as posições adotadas pelos deputados e senadores durante as votações da Constituinte.

Campus: Mas o Sr. não acha que falta ainda muita unidade para que haja esse casamento?

Senador: A unidade antigamente significava ficar junto para distribuir a pancada. Hoje a unidade tem que ser construída em cima de propósitos, propostas e condutas. O PMDB enfrentou o grau máximo de exacerbação na Constituinte. Até Prisco Vianna se elegeu pelo PMDB. Nós temos que caminhar com os compromissos assumidos na campanha. Esse tipo de eleito (Prisco Vianna) chegou aqui dizendo que o partido não tinha validade na Constituinte. Eu sou um dos 127 deputados federais que assistiram o ato de batismo do PMDB em 65 e já vi o PMDB enfrentar problemas muito maiores, e é por isso que eu acho que nós podemos sair dessa crise.

Campus: Senador, esta questão do mandato e do sistema do governo criou um impasse dentro do PMDB. Muitos constituintes estão pensando em sair e alguns já deixaram de fato o partido. O que o Sr. acha disso?

Senador: Evidente que na medida que o PMDB perca quadros importantes isso enfraquece o partido, não tem a menor dúvida, inclusive porque nessa leva que deixou o PMDB se encontra um ex-líder, que é o deputado Pimenta da Veiga.

Campus: E o Sr. não pensa em deixar o PMDB também?

Senador: No dia que eu resolver sair do partido, quando eu entender que o partido é incapaz de satisfazer os compromissos populares, eu não vou anunciar a minha saída. Vocês vão ouvir de mim assim: eu deixei ontem o PMDB. Enquanto eu não tomar essa decisão, não vou especular sobre a minha permanência ou a minha saída. Enquanto eu estiver no partido, vou lutar para que o PMDB faça o melhor possível.

Campus: O Sr. acha que ainda há possibilidade de mudar a conquista do Palácio do Planalto: presidencialismo com cinco anos de mandato?

Senador: Possibilidade sempre há.

Agora no segundo turno da Constituinte vamos tentar fazer mudanças expressivas. Vamos tentar adotar uma tática, que já foi adotada com sucesso. Vamos negociar até o fim, sem muitos recuos.

Campus: E quanto ao mandato do presidente Sarney?

Senador: Nós temos muitas esperanças no governo. A decisão dos quatro anos foi feita logo após uma declaração do presidente Sarney de que quem votasse pelos quatro anos seria inimigo dele. Eu pessoalmente não defendi o mandato de quatro anos, por um julgamento de valor. Eu defendo um mandato de quatro anos por coincidir com o término dos trabalhos da Constituinte.

Campus: Mas o Sr. acha que é possível reduzir o mandato do presidente Sarney para quatro anos?

Senador: Claro que sim. E é para isso que eu estou lutando agora. Sei que vai ser difícil, mas não podemos desistir. Afinal de contas as pressões existem e temos sempre que contar com elas. Como aconteceu com a votação do sistema de Governo. Quantos canais de rádios e televisões foram distribuídos para a aprovação do sistema presidencialista?

Campus: O Sr. acredita que essas concessões podem ter sido motivo de mudança de opinião de muitos parlamentaristas convictos?

Senador: O presidencialismo e o parlamentarismo foram escolhas feitas pelos constituintes num determinado instante. A tese do presidencialismo e do parlamentarismo não levaria a paixão que levou. Porque o presidente Sarney defendeu o presidencialismo? Não é que isso seja uma questão fundamental. O que é fundamental para ele são os cinco anos. O presidencialismo entrou nessa história como "boi-de-pirinha". Ficava muito feio para ele defender apenas cinco anos de mandato, então misturou isso com o presidencialismo. Mas afinal, que peso extraordinário tem o presidencialismo no Governo Sarney? Por isso é que houve pressão, porque aprovando o presidencialismo o presidente sabia que estaria aprovando também os cinco anos de mandato. Mas não vejo aí pressões dos militares. O que houve mesmo foi fisiologismo. O governo fez mudanças à base do clientelismo, à base da pressão fisiológica. Não foi porque houve qualquer tipo de pressão militar. Acho que os militares se comportaram de forma bastante correta. Foi fisiologismo mesmo. Pressões expurgas: vindas de governadores e até do executivo: favores de última hora, rádios, televisões, ameaças de perdas de cargos públicos e de punições. Foi isso que levou ao resultado da votação.

Campus: Aquela lista divulgada pelo Ministério das Comunicações, com o nome dos constituintes do PMDB que receberam canais de rádios do governo, o Sr. acha que

"Esse Governo tem a cara do Antônio Carlos Magalhães. E se há um primeiro-ministro hoje ele é Antônio Carlos. Esse Governo se sustenta à base do clientelismo e da fisiologia de alguns deputados e senadores. E perdemos na Constituinte porque houve pressões dos ministros, dos governadores e do presidente Sarney".

foi para marcar figuras do PMDB com-prometidas com o presidente?

Senador: Aquilo não foi para marcar como figura do governo, aquilo foi para marcar como figura fisiológica. E um tipo de atitude da qual o ministro Antônio Carlos Magalhães tentou atribuir a mim o fato de ter recebido uma rádio. Eu volto a repetir, se tivesse recebido alguma coisa, eu já teria devolvido há muito tempo. Esse Antônio Carlos Magalhães dominou o Governo Sarney, e hoje o Governo tem a cara dele.

Campus: O que o Sr. quer dizer com isso?

Senador: Eu convivi com Sarney por volta de 63 e 64, e acho que o Sarney é uma figura cordial, sensata... Esse governo, é contrário a isso tudo. É um governo chegado a retaliação, perseguição, ameaça... e isso é nitidamente a cara de Antônio Carlos Magalhães. Se há um primeiro-ministro hoje, e na minha opinião há, ele é o ministro Antônio Carlos Magalhães. E se o Governo tem a cara do Antônio Carlos Magalhães, não pode ser um governo sério.

Campus: O Sr. acha que já está na hora do presidente Sarney fazer o seu próprio partido para colocar a cara dele no governo?

Senador: Não vejo a hora disso acontecer, mas eu não acho que o presidente Sarney vá realmente montar um partido político. Ele vai tentar jogar na constituinte um sistema de coalisão, o que significa um jogo individual, ou seja, um desrespeito aos partidos políticos. Você junta gente de

vários partidos, faz um amontoado, recria o chamado Arenão... Porque o que interessa a ele é a divisão interna do PMDB.

Campus: Não estaria então na hora dessas pessoas que não pactuam com o governo sair do PMDB e se unir contra o Governo?

Senador: Mas foi isso que eu sempre defendi. Por mim o PMDB não estaria no governo há muito tempo. O presidente Sarney não tem nenhum ponto em comum com os compromissos primários do partido. E eu acho que o que nós poderíamos defender em comum ficou muito prejudicado com a votação do PT e do PDT, que indiscutivelmente votaram o presidencialismo com cinco anos de mandato. E se formos olhar bem as declarações de Brizola nos jornais, vemos que ele docilmente constringido já aceita os cinco anos. E também lemos nos jornais a tentativa de prorrogar o mandato dos prefeitos. Nós caminhamos para o absurdo. Qual era o melhor argumento de quem achava que não devíamos ter eleições este ano: a crise econômica. E quem me garante que no ano que vem nós não teríamos uma crise igual ou pior do que esta? E se tiver, não teremos eleições de novo? Eu acho exatamente que quando a crise econômica existe você precisa ter eleições. Porque é o instante em que é necessário termos um governo que nasça da credibilidade do voto e possa dirigir o país numa circunstância difícil dessa.

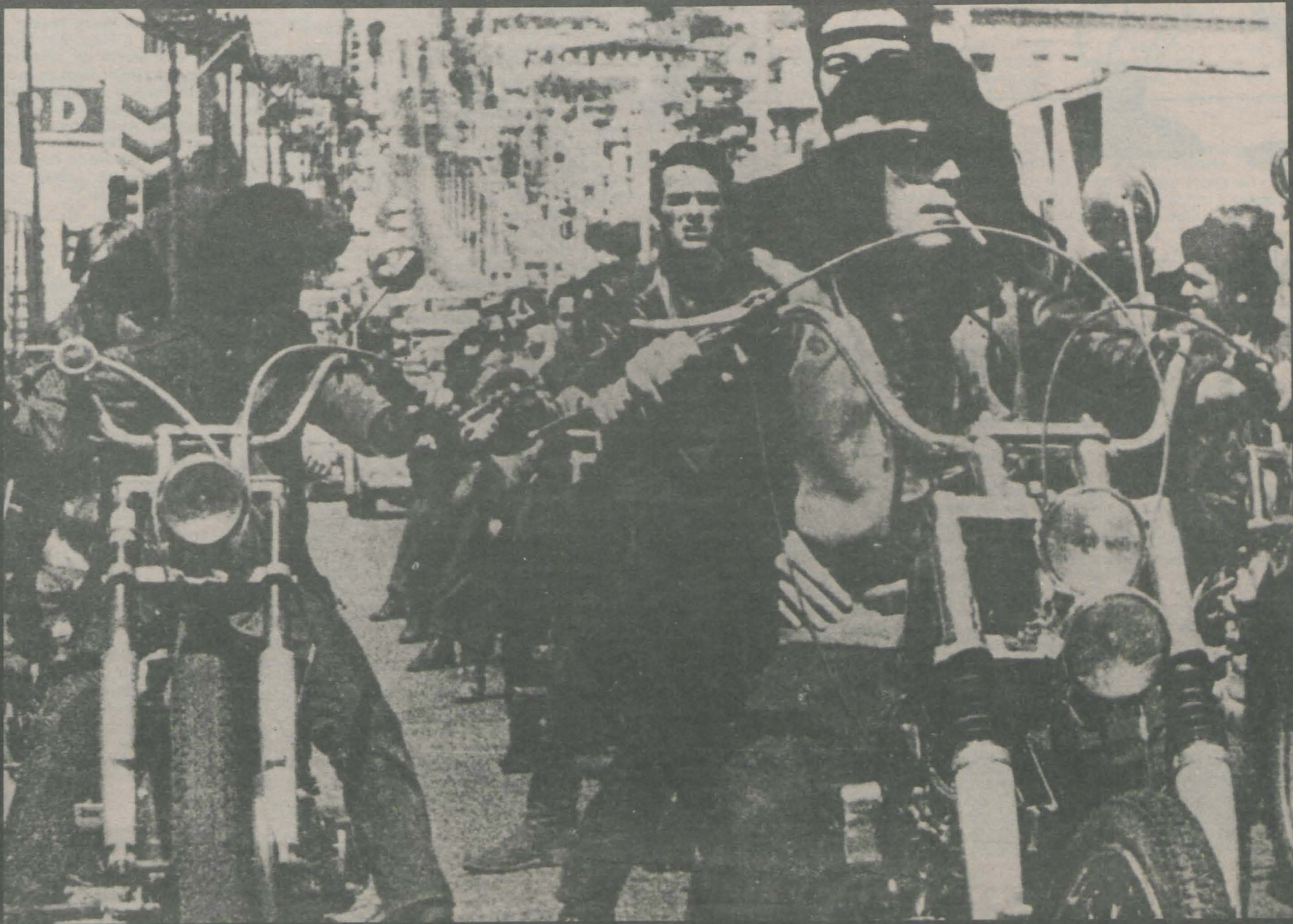
Campus: O Sr. mostrou que tem credibilidade. Foi o senador mais votado. Chegou a hora de se lançar candidato a Presidente da República?

Senador: Não, não sou candidato a nada. O que está em jogo agora é garantirmos eleições este ano, para garantir a democracia. E não tem como se prorrogar mais a transição, porque prorrogando a transição é a maneira mais fácil de destruir com ela. Temos que ter eleições sem se pesquisar muito se ela é favorável ou não neste instante. Porque isso eu ouvi durante os últimos vinte e quatro anos: não faz eleição agora porque precisamos fazer o bolo crescer, para distribuirmos fatias iguais. Eu acho que eleição é a medida certa em qualquer instante. E quero deixar bem claro que não sou e nem vou ser candidato à sucessão do Presidente Sarney, e nem tenho o meu candidato ainda.

Campus: O Sr. acha que isso é fruto de uma idéia dominante no País.

Senador: Isso é um problema da nossa chamada elite. Esse foi o argumento usado pela elite dominante para se manter no poder por tanto tempo. Toda a oportunidade que põe em risco ou se contesta de alguma forma essa presença e se pretende, de alguma maneira possível, disputar essa presença através do processo eleitoral, há sempre uma desculpa desse tipo que eu citei: não podemos ter eleições agora, ainda não estamos preparados para isso.

JUVENTUDE :



De onde
veio?

Para onde
vai?

Continuidade e ruptura



Nas ruas, um grito pela liberdade

Quando em 68 as revoltas estudantis eclodiram em todo o mundo o Brasil não ficou atrás, pelo contrário. A 21 de março, um dia antes de ser detonado o "Maio" francês, alunos da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e da Fundação Getúlio Vargas invadiram a Congregação da USP, quebraram mesas, cadeiras e a cara de vários professores.

A partir daí os protestos estudantis ganharam as ruas de norte a sul do País e foram recebidos com forte violência policial. A morte à bala de alguns jovens sensibilizou a população e setores mais organizados, como sindicatos operários, engrossaram os brados pela liberdade e contra a repressão da ditadura.

Na linha de frente da organização popular estavam várias entidades estudantis, como a União Metropolitana dos Estudantes (Umes) do Rio de Janeiro, da qual era presidente Vladimir Palmeira, paraibano de 23 anos e aluno de Direito (que não chegou a concluir) da Universidade do Brasil (UFRJ). Ele é hoje deputado pelo PT do Rio e declara-se desiludido com a Constituinte: "O nível aqui é muito ruim, cerca de 70% dos mandatos no Congresso são renovados a cada eleição, então quando chega aqui a maioria quer aproveitar bastante o fisiologismo nos seus quatro anos". Diz também que gostaria de deixar Brasília voltar para a organização popular.

Vladimir Palmeira foi preso em 68 e libertado em 69 junto com vários presos políticos durante o episódio do seqüestro do embaixador dos Estados Unidos; morou na Bélgica (onde formou-se em Economia) e só retornou ao Brasil em 79, trabalhando como tradutor para a editora Marco Zero. Ele explica a polarização dos confrontos com a ditadura pelos estudantes como resultado da grande repressão desencadeada após 64 contra o movimento de operários e camponeses. "Os estudantes foram preservados pelos militares em 64 porque, em sua maioria, pertenciam à classe média, que apoiou o golpe", declara o deputado, "mas em 68 nós ganhamos força e adeptos com reivindicações práticas, de caráter sindical, como a luta por me-

lhores condições de ensino, melhores professores e contra a política universitária do governo que tentava privatizar as escolas públicas e transformá-las em fundações privadas ligadas às grandes empresas multinacionais, com uma orientação de ensino que era, sobretudo, a transformação de nossa Universidade numa Universidade que não criasse coisa nenhuma, mas que fosse meramente operacional", denuncia Vladimir. Segundo ele a resistência transformou-se em luta contra a ditadura a partir de preocupações práticas que os estudantes tinham com a Universidade, "a partir daí a politização saía naturalmente", finaliza.

Mas enquanto Vladimir Palmeira afirma que não acreditava na derrubada do governo e que essa era também a opinião de seus colegas cariocas, havia um setor do movimento estudantil que levou a perspectiva de tomada do poder às últimas consequências, como é o caso do também deputado José Genoíno Neto, que em 68 era presidente do DCE da Universidade Federal do Ceará e que participou da luta armada no início dos anos 70, até ser preso na guerrilha do Araguaia, no norte de Goiás. Ele acha que "o movimento de massas não resistiu ao AI-5, que foi o golpe dentro do golpe, porque havia um distanciamento muito grande entre os setores da sociedade civil. O movimento estudantil ficou isolado na vanguarda, tornando-se presa fácil".

Essa foi a principal diferença do caso brasileiro para a agitação que assolou a França em 68, pois lá milhões de operários aderiram aos protestos e chegaram a ocupar centenas de fábricas, enquanto no Brasil registraram-se apenas duas greves isoladas em Contagem (MG) e Osasco (SP). De um jeito ou de outro, aqui ou lá, com operários ou sem eles, o fato é que em todo o mundo as esperanças de uma vida sem proibições, com amor e sem guerras acabaram ironicamente sob muita violência. O general Gaulle pediu reforços à Alemanha e dissolveu a Assembleia Nacional Francesa com o apoio do Exército. Seus colegas brasileiros enquadravam menores de 18 anos na Lei de Segurança Nacional.

Oswaldo Buarim Júnior

República Federativa do Brasil, ano de 1968. O País embarcava na efervescência de uma década de sonhos interrompidos. Em todos os planos, o País desenvolvia uma virada rumo ao obscuro e, ao mesmo tempo, surgia uma idéia cada vez mais forte de que seria possível desatar o fio da história com as próprias mãos, em um sonho de liberdade.

O ano de 68 para o Brasil foi ao mesmo tempo uma continuidade e uma ruptura. Os acontecimentos desta época, em que os jovens foram os protagonistas mais destacados, configuram a consolidação cada vez maior do regime implantado em 64, e apontam para uma clara ruptura entre os projetos de uma juventude cada vez mais rebelde ao regime e a grande desilusão que se seguiu ao AI-5.

Quando irrompe o ano de 1968, a juventude brasileira começa a perceber com uma clareza cada vez maior que os seus projetos entravam em um conflito crescente com o regime militar. A destruição da universidade pública, o descaso com a educação e a repressão cada vez maior tornaram claro naquela época que ser jovem era ser antigoverno fascista. Este sentimento generalizado dominou a juventude, em especial os estudantes.

E foi por esta razão que o regime militar diagnosticou na juventude um dos seus principais inimigos. Esta constatação pode ser melhor comprovada com o fato de que logo no dia 2 de janeiro de 1968 o Governo, através do MEC, nomeia o coronel Meira Matos para supervisionar e coordenar as diretrizes governamentais no setor estudantil. Este mesmo coronel fora o encarregado de comandar as tropas que fecharam o Congresso Nacional em outubro de 1965.

Aumenta o cerco

Uma intervenção armada contra os estudantes no Rio de Janeiro marcou uma nova fase na mobilização dos estudantes em todo o País. No dia 28 de março de 1968, o restaurante universitário do Calabouço, no Rio de Janeiro, foi invadido pela Polícia Militar. O resultado foi a morte do estudante Edson

Luis que acabara de completar os seus 18 anos. O corpo de Edson Luis foi velado no prédio da Assembléia Legislativa do Rio e o seu enterro transformou-se em um gigantesco ato contra a repressão. A guerra do regime contra os estudantes estava decretada.

Quando o regime militar comemorava o seu quarto aniversário, registraram-se violentos choques entre polícia e estudantes em todo o País. Em Goiânia, o resultado é a morte do estudante Ivo Vieira com um tiro de fuzil na cabeça. No Rio de Janeiro são mortos a bala o estudante Jorge Aprígio e o escriturário Davi de Sousa. A dura repressão desencadeia grandes mobilizações de estudantes, como as "passeatas dos cem mil" realizadas no Rio de Janeiro nos dias 26 de junho e 4 de julho.

A Universidade de Brasília não escapou ao cerco. No dia 29 de agosto de 1968 tropas da Polícia Civil, Polícia Militar, agentes do SNI e do DOPS, além de 12 batalhões da Polícia do Exército, invadiram a UnB espancando violentamente alunos, professores e parlamentares. Entre os feridos, o estudante Waldemar Alves da Silva foi atingido por uma bala calibre 45 na cabeça. A alegação para a intervenção era a necessidade de prender estudantes subversivos, entre os quais o líder Honestino Guimarães.

O cerco do regime se completa quando os estudantes presentes no 30º Congresso da UNE na cidade de Ibiúna (SP) são detidos. O golpe final contra as esperanças de transformações na sociedade viria com a decretação do Ato Institucional nº 5 em uma sexta-feira treze, em dezembro de 1968. O Congresso é fechado e o direito ao "habeas corpus" é suspenso. A pequena fachada "democrática" do regime implantado em 64 é finalmente substituída por um regime de terror.

As esperanças "revolucionárias" da juventude em 68 foram violentadas pelo AI-5. Os anos seguintes seriam os anos da desilusão, da tortura, da luta armada, e de tantos outros processos que marcaram um ponto de ruptura na história do País.

Mauro Porto

Correio Braziliense, 30/08/68

CORREIO BRAZILIENSE

Fundador dos "Diários Associados": Assis Chateaubriand

DEPUTADOS E ESTUDANTES APANHAM NA UNIVERSIDADE



Correio Braziliense, 30/08/68

Inquisição na UnB

Os anos 60 na Universidade de Brasília foram marcados por invasões, demissões, mortes, desaparecimentos, terrorismo cultural, e uma forte oposição estudantil ao sistema de governo que existia na época.

Em 1965, a biblioteca da UnB, teve um exemplo de terrorismo cultural, ao ser invadida por tropas militares e expurgada de todos os livros de autores "comunistas". No ano seguinte, houve a demissão em massa dos professores e contratação dos novos docentes que eram selecionados pela Administração. Nesse período aparece a FEUB — Federação dos Estudantes da UnB, entidade de mobilização dos estudantes.

O ano mais duro, porém, é o de 1968, quando os estudantes fizeram passeatas e atos públicos. As lideranças estudantis entram na luta armada, há o endurecimento do Governo e com isso, a esquerda também enrijece. Nesse ano, tropas militares invadem o campus e o estudante de biologia Waldemar Alves da Silva Filho, é atingido na cabeça com um tiro.

Entra em vigor o Ato Institucional nº 5, em seguida o decreto nº 477, criado para reprimir qualquer movimento dentro das universidades. Junto vieram a tortura e os "desaparecimentos". Com esses atos de execução, a esquerda cai na clandestinidade e leva com ela o estudante Honestino Monteiro Guimarães, que

mais tarde desaparece.

Os estudantes ficam sem representação e só em 74 surge o DU — Diretório Universitário, entidade legal, conhecida e controlada pelo Estado. Um ponto básico é que não era permitido falar em questões de ordem política, racial, moral e religiosa. A fiscalização do DU ficava por conta do pessoal que hoje faz a segurança do patrimônio do Campus.

O DU logo acaba e os estudantes começam a lutar por entidades livres. Em 78, nasce o DCE Livre "Honestino Monteiro Guimarães", em homenagem ao seu ex-presidente, dado oficialmente como "desaparecido".

Nos anos 80, o DCE fica desarticulado e só em novembro de 1987 a chapa "Até Quando Esperar", consegue obter número suficiente de votos para se eleger.

Uma eleição que deu trabalho para mobilizar os alunos, e por pouco não foi por água abaixo devido à falta de quórum.

Resta saber, o que ficou de 68 enraizado nos alicerces da UnB, que se antes era campo de luta por liberdade democrática, hoje encontra dificuldades para se organizar. Isso será apenas porque a maioria de nós, adotamos o rótulo de filhos da revolução, estigma que assusta e torna nossos sonhos pesadelos?

Alessandra Rios

Honestino



Reprodução

Da porta do escritório da Customers Marketing Program — CMP, multinacional japonesa de complementos alimentares e superalimentos, dou uma última olhada para trás na Esplanada dos Ministérios, Congresso Nacional e Palácio do Planalto. Entro para ser recebido pela coordenadora regional da empresa, Dona Maria Rosa Leite Monteiro, uma senhora de 60 anos e grandes e vivos olhos azuis, mãe do mais famoso dos "desaparecidos" brasileiros durante o regime militar, o estudante Honestino Monteiro Guimarães.

Campus: Quando foi a última vez que a senhora viu seu filho?

D. Maria Rosa: Foi em janeiro de 73, no Rio. Ele estava clandestino desde 68, quando o AI-5 fez cair todos os que estavam sob habeas-corpus. Eu visitava Honestino em todos os lugares do Brasil onde ele ia levar a sua luta, que nunca foi armada, mas ideológica. Acompanhei sua prisão, sei que foi pego no Rio e trazido para Brasília, e daqui para São Paulo, onde acredito que ele tenha sido morto. Nunca mais o vi. Acompanhei sua agonia mas não fui capaz de salvá-lo, de botar o "preto no branco".

Campus: Como ficou a vida da senhora nessa época?

D. Maria Rosa: Um martírio. Desde as greves na UnB, Honestino já tinha sido preso três vezes. Depois ele fugiu, mas a polícia invadiu minha casa e levou meu filho Norton, de 17 anos. Após três dias procurando-o como loucos e sem dormir, meu marido bateu o carro e morreu.

Campus: Como era seu relacionamento com Honestino?

D. Maria Rosa: Eu respeitava muito a opinião dele, sua opção de luta. Muitas de suas idéias batiam com as minhas, porque apesar dele ser marxista, eu acho que ele não era materialista. Eu sempre fui espiritualista e criei todos os meus filhos na Igreja Católica, e o próprio Honestino era muito voltado para o transcendental. A gente discutia muito, mas como forma de conhecimento. Ele gostava muito de aprender, ouvia a tudo e a todos com muita reverência, respeito absoluto às opiniões alheias. Era um grande ouvinte e um grande analista, mas não para emitir conceitos. Ele aproveitava o que gostava e dispensava o que não lhe servia.

Campus: Por que seu filho era tão odiado pela ditadura?

D. Maria Rosa: Honestino nunca quis impor seu ponto de vista, e talvez, por isso, se impusesse totalmente. Quando ele falava, ele sabia se fazer ouvir, sabia se comunicar. As pessoas diziam que as forças repressoras tinham medo dele por causa de sua capacidade de convencimento, e também porque Honestino tinha uma veemência e uma coerência muito grandes.

Campus: A luta de Honestino valeu a pena?

D. Maria Rosa: Eu me tornaria muito amarga se dissesse sim ou não; acho que a História o dirá. Eu só sei que meu filho sabia o que falava e o que queria. Sabia, por exemplo, que ia morrer; não foi uma fatalidade. Honestino teve muitas chances de sair do País e não quis, embora o pressionássemos. Ele perguntava: "Se todos saírem, quem ficará para lutar." Ele quis dar seu último dia de vida ao povo brasileiro, e eu tive que aceitar.

Campus: A senhora tem algum ressentimento?

D. Maria Rosa: O que me faz pensar com tristeza é que fui muito severa como mãe; severa na formação de hábitos. Se ele vivesse hoje, eu seria menos severa. Sinto sua falta e o admiro muito como homem, porque ele tinha muita coragem. Ele era novo, mas era grande; o Brasil perdeu muito sem Honestino.

Oswaldo Buarim Júnior



Em discussão, 1968

"O ano de 68 foi um momento não organizado, com acontecimentos explodindo em diversas partes do mundo, de forma inusitada não coordenada e o interessante é a não-coordenação. Foi uma explosão de insatisfações, de procura do novo". Esta é a opinião do professor Volnei Garrafa, Decano de Extensão da UnB.

Volnei Garrafa afirma ainda que, 68/88 foi um período de muita escuridão, de resistência por parte dos alunos. Como a UnB fica tão próxima do poder, o que aconteceu de endurecimento no País, aconteceu dentro da universidade. Nessa época, os professores não estavam organizados e só em 78, ou seja, dez anos depois, foi fundada a ADUnB — Associação dos Docentes da Universidade de Brasília, que sem dúvida foi uma das células fundamentais de resistência à ditadura dentro da UnB até 85, quando assumiu a reitoria, democraticamente, Cristovam Buarque.

Segundo Volnei, na década de 70, não havia professores demitidos, a tática era mais elaborada. "Os ditadores estavam mais bem preparados, fizeram PhD nesses cursos, pressionaram enormemente os professores, fazendo um jogo de tensão

psicológica. E a regra desse jogo era sobrecarregar os docentes, aumentando a carga horária, marcando reuniões nos finais de semana, telefonando, inclusive de madrugada. Com isso surgiram "demissões brancas". Assim foi o período do Reitor José Carlos Azevedo na UnB.

É exatamente sobre esse momento marcado por invasões, cassações, mudanças, desaparecimentos, demissões que o decanato de extensão da UnB está promovendo um ciclo de estudos com o objetivo de reunir pessoas que viveram esses movimentos, discutindo em praça pública, se opondo ao sistema, ao fechamento total da política, das artes e dos costumes.

O professor Volnei Garrafa esclarece que o ciclo pretende discutir três gerações diferentes: 68, onde todas as pessoas participavam, onde ninguém estava indiferente aos acontecimentos, 88, década de descrença, sem sonhos e sem projetos e 2.008 numa tentativa de buscar alternativas para melhorar a situação atual.

A coordenadora do projeto, professora Maria de Souza Duarte, acha que esses debates serão de grande importância para a universidade "porque é se entendendo o passado que se poderá melhorar o futuro". Maria Duarte

disse ainda que está previsto o comparecimento de personalidades como Daniel Cohn-Bendit, líder estudantil dos movimentos de rua na França em maio de 68, mais conhecido como Daniel, o vermelho, e Angela Davis, norte-americana, negra, comunista, participante do movimento "black power".

Também espera-se a presença de algum cientista social do México, para repensar e discutir as barbaridades ocorridas naquele país, onde uma centena de estudantes foram mortos na chacina de Tlatelolco.

Dentre os convidados brasileiros que confirmaram sua presença, nomes como Alfredo Sarkis, Fernando Gabeira, Capinam, Turiba, Luis Carlos Maciel, Gilberto Gil, Vladimir Palmeira, Tetê Catalão, B. de Paiva, Clóvis Brigagão. Haverá também a participação especial do cineasta Silvio Tendler que fará um documentário sobre o ciclo.

Os interessados em participar dos seminários, deverão se inscrever na DAA — prédio da reitoria de 28 de março a 8 de abril, e o número de vagas é limitado, apenas 300.

Alessandra Rios

PROGRAMAÇÃO

Dias 13, 20 e 27 de abril; 4 e 11 de maio (quartas-feiras), encontros e depoimentos, no anfiteatro 9 da UnB.

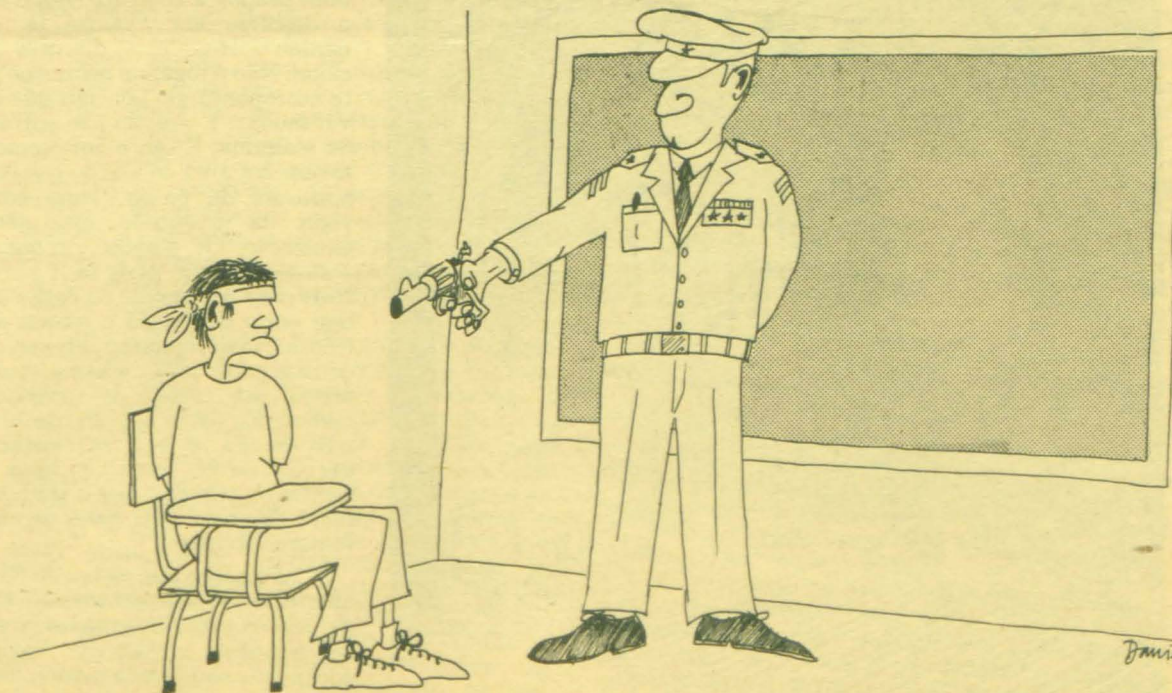
Dia 9 de maio (terça-feira), abertura da exposição "Imprensa Alternativa", na galeria Athos Bulcão na FCDF, e lançamento do livro de Luís Carlos

Maciel na sala Alberto Nepomuceno, Teatro Nacional.

Dias 10, 11 e 12 de maio seminário sobre "Imprensa Alternativa", na sala Alberto Nepomuceno. 16 de maio abertura da mostra de fotos, revistas, livros, recortes de jornais

etc, na Biblioteca Central da UnB. Dias 16 e 17 de maio mostras de cinema, vídeo, dança, música e exposição na UnB.

Dias 25, 26 e 27 de maio encontro-síntese no anf. 9 da UnB, e para encerrar um show musical no Teatro de Arena da UnB no dia 27.



Daniel

POESIA: o papel de resistir

Os anos 60 representaram uma verdadeira virada em todas as ordens — política, economia, arte, cultura e direitos humanos. Tentativas de ruptura e rupturas. Queima de livros, novas descobertas, novas tendências e gritos ecoando por toda parte clamando uma liberdade democrática.

Timothy Leary descobre um pó capaz de levar o homem a mundos não antes visitados: o LSD. Época do amor livre, dos hippies, Rolling Stones, Beatles, 2001: uma odisséia no espaço, Pasquim e poesia marginal ou de protesto.

Essa nova linha de poesia explode e coincide com o surgimento do tropicalismo. Uma coincidência não apenas cronológica, mas também estrutural. Se a tropicália veio romper barreiras entre o erudito e a popular canção e poesia, bom e mau gosto, o poema protesto surgia na época sem limites, sem rimas, falando do real, tendo como proposta o rompimento com as tradicionais e já conhecidas poesias.

"Um poeta desfolha a bandeira e a manhã nasce tropical". Poemas se tornam músicas e poetas considerados marginais se tornam compositores como Cacaso e Bráulio Tavares. Discursos poéticos panfletários tomam conta do País. Engajamento político ou desbunde total?

Há quem diga que os poemas que surgiram nos anos 60 deveriam ser analisados mais pelo desbunde do que por consciência política, já que a partir deles e como consequência da forma panfletária que eram divulgados nascia com eles a contracultura.

Em 68, que se encerrou sob o impacto do AI-5 e do regime militar, houve a impossibilidade de mobilização, de debates abertos. Todas as manifestações culturais tiveram dessa forma que as-

sumir à "resistência". Surgem alternativas de poetizar falando do social sem compromissos com diretrizes e estéticas. Poemas de denúncias ou poemas atuantes:

"Nossa gripe nosso grito
fogo morto nos campos nas salas de aulas
y nas fábricas
uma serpente estéril prepara o bote nas pedras
enquanto nos quartéis leões ferinos feridos
y acuados (poema amargurado de Arnaldo Xavier)

Tratamentos irreverentes e irônicos são dados a quase todos os temas refletindo uma visão crítica, mas sempre com muito bom humor.

"Vocês repararam como o povo anda triste? — é a cachaca que subiu de preço..." (Chacal)

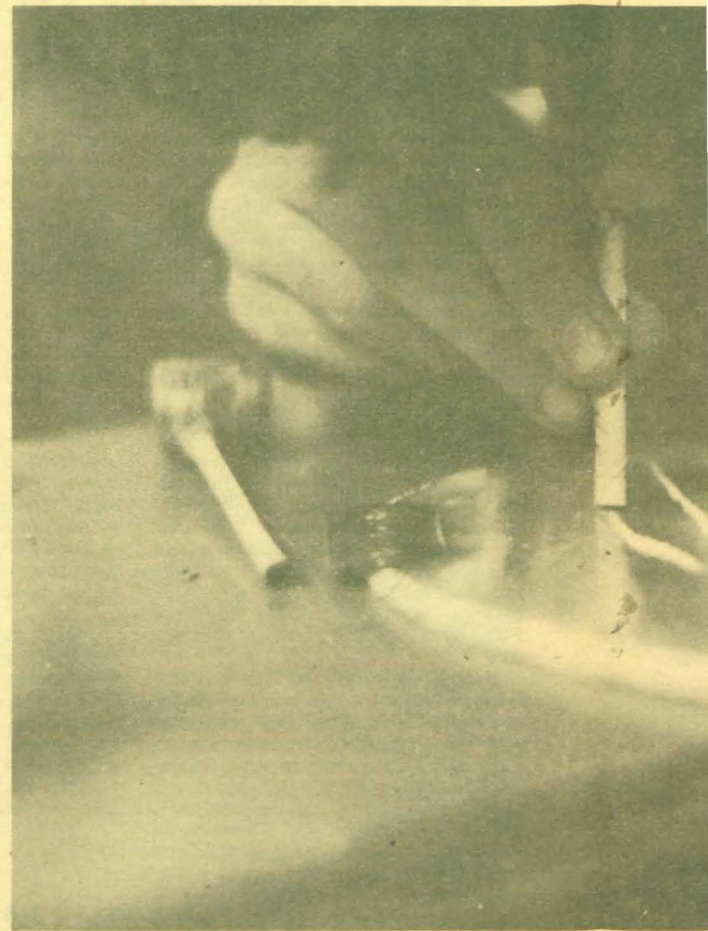
Indiferente às estabelecidas normas de escrever poemas, o poeta foi às ruas, mimeografou textos, distribuiu clandestinamente sua posição individual e coletiva dos fatos.

O recado tinha que ser dado. O grito tinha que ser ouvido. A situação não poderia ficar muito tempo submissa ao regime de repressão sem resposta.

E enquanto se rasgavam livros nas escadarias do Municipal, no Rio, os lançadores do poema-protesto destruíam simbolicamente a poesia discursiva de nomes pré-estabelecidos como Carlos Drummond e João Cabral.

Seja panfletária ou não, anárquica ou esquerdista, visual ou gráfica, poesia e poesia. Mesmo que seu papel seja o de resistir às pressões e repressões. Para isto não importa que a poesia vire música, ou música vire poesia. Caminhando e cantando e seguindo a canção somos todos iguais braços dados ou não, afinal, é proibido proibir.

Aliene Coutinho



Será que o son

Do centro e periferia da sociedade capitalista, ao gélido bloco soviético, nada ficaria incólume ou indiferente ao vigoroso movimento de contestação dos estudantes de 1968. Contra a guerra do Vietnã, o movimento eclode na Universidade de Nanterre, na França, e logo amplia sua bandeiras de luta contra o poder estabelecido, se alastrando por toda a Europa, Estados Unidos e demais países do mundo.

Por trás das barricadas, as palavras da nova "ordem" ou da revolução sonhada: "Faça amor, não faça guerra", "tudo é possível", "a imaginação no poder", "viva a comunicação, abaixo a telecomunicação", e tantas outras que a imaginação criadora possibilitasse criar, pois a década é, sobretudo, a década do espontaneísmo político libertário traduzido no amor livre e no LSD; no misticismo oriental e na filosofia social libertária com Sartre, Marcuse e Reich.

Paris significa o apogeu e também o declínio dessa era. A era de Eros, o princípio do prazer, contra Thanatos, o princípio da morte. Segundo Herbert Marcuse, então o filósofo "crítico" e "insuspeito" para o movimento, a luta pela vida, aluta por Eros, é a luta política e a juventude está na primeira linha dos que vivem e lutam por Eros contra a morte e contra uma civilização que se esforça por encurtar o "atalho" para a morte.

Dessa forma, o movimento da contracultura, que tinha como símbolos maiores os hippies, as drogas e os misticismos oriental, não demora a encontrar nos filósofos sociais libertários como Marcuse, o instrumento prático para operar e sedimentar a descida da dimensão lúdica do sonho à ação política na realidade concreta e com isto investir violentamente contra o poder estabelecido.

Talvez a velha Europa não tivesse levado muito a sério o surgimento do movimento hippie com a sua singela palavra de ordem "paz e amor". Talvez não se admitisse, nem de brincadeira, que o psicodélico "pé na estrada" com a mochila nas costas e sua procura de um mundo à margem, algum dia pudesse desembocar na armação de um cenário de guerra contra os "status quo" oficial. Como num entreabrir de olhos, o cenário inimaginável torna-se realidade cruel e sangrenta. A torrente psicodélica das drogas e do misticismo, ao fazer a ligação com a filosofia radical, estabelece uma conexão entre Woodstock e a guerra do Vietnã, encontrando, assim, o instrumento para ligar o sonho à realidade político, numa autêntica revolta contra o establishment, como na outra ponta da linha sonhada por Marcuse.

Do porto de Rotterdam, onde o movimento tem uma espécie de território livre para as "viagens", ao engajamento

Nem brilho nem breu. Deu no que deu

Oswaldo Buarim Júnior



"Nem brilho, nem breu. 68 em 88 deu no que deu. Vale pra quem morreu e para quem sobreviveu...". Com este poema, o poeta Tetê Catalão define bem sua visão da época dos tão famosos anos 60, e principalmente de maio de 68.

Para Tetê é necessário desmistificar o que aconteceu. Para ele: "Os anos 60 não foram tão ruins. Eu me divertia muito quebrando vidraças e enfrentando a polícia... esteticamente era lindo, uma grande festa. Além do mais não havia uma consciência maior, as pessoas não sabiam que estavam fazendo uma revolução. Era uma espécie de juventude transviada sem causa e com muito sabor de aventura, mas havia também muito de sacrifício pessoal, no entanto, sem estar numa escala de individualidade.

"Naquela época — continua Tetê — que escapou das prisões e das pauleiras passou para outra etapa dos anos 60: as drogas, como forma de sobreviver. Havia uma proposta coerente com o cotidiano, o discurso era 'vamos lá, e vamos mudar'. Hoje este discurso não funciona. Não é jogando pedras no presidente ou espancando policiais que o sistema vai mudar. É preciso não entrar no jogo da máquina. E tanto hoje como em 68 o jovem era alvo de mídia, por isso tantas fantasias da época. Hoje continua o vigor da juventude, mas não há organização. Os hippies viraram yuppies e antes era bem mais fácil virar hippie. Hoje para ser yuppie ou dark custa caro, tem corte de cabelo e roupas especiais. Não há mais romance, apesar do jovem de hoje estar politicamente engajado em ocupar seu espaço na sociedade. Tudo mudou. Eu tenho um filho de 10 anos que não chega a ser reacionário, com preconceitos, mas é bem careta. Continuo achando que o grande lance é parar de apostar na bolsa de valores e ir fumar maconha...

"...Porque o que restou de 68 foram as alterações de comportamento. Um exemplo são os próprios yuppies, o movimento feminista... Mas o básico, com educação e saúde, não mudou nada".

Depoimento de Tetê Catalão

Zur



inho acabou?

político de Paris, a história parece se passar psicodelicamente, mas os fatos não são puras alucinações e a década fica marcada, sobretudo com a década do maior movimento de contestação da história contemporânea. Tudo bem que depois viria a vertigem do "acerto de contas". Mas o que importa então é o aqui e agora" do existencialismo sartreano e o receituário político de Marcuse que recomendava "o corpo contra a máquina". A luta é contra todo o aparato da sociedade industrial, dos partidos, comunistas aos partidos capitalistas. Contra a orientação da poderosa Confederação Geral do Trabalho, central sindical francesa ligada ao Partido Comunista, é convocada uma greve geral que reúne mais de 10 milhões de trabalhadores que saem às ruas com estudantes, gurus e filósofos que descem de suas cátedras e de seus púlpitos e se colocam à serviço das barricadas. Pela primeira vez na história a juventude e agente das suas próprias reivindicações libertárias.

Hoje, passados vinte anos, as conquistas de 68 são vistas com uma forte dose de suspeição, quando não repreciação radical. Do amor livre à AIDS, dos hippies aos yuppies, da revolução à profissão, são as conclusões a que chegam os ideólogos de plantão. Seguindo esse crivo da nova ordem do sistema, após a pasteurização cultural que regiu, seus ideólogos fazem e refazem a autópsia dos hippies. Sofismáticos, concluem que os hippies se reintegraram a sociedade e viraram lobbistas profissionais, ou ainda tecnocratas. Isto nada mais é do que uma visão esotérica do movimento social, da mesma forma que ligar hippies e yuppies numa relação de causa e efeito. Busca-se, através da contrafação histórica e da máscara do "arrependimento" apagar as contradições contra as quais se construiu 68, contradições no interior do sistema que ainda hoje são mais violentas e gritantes.

Se é fato que as conquistas são contraditórias, o movimento de 68 forçou historicamente o imperialismo americano a passar a maior humilhação da sua história, e ainda no rescaldo, um Watergate na década seguinte. Mesmo que Guevara tenha caído sem conseguir os mil vietnãs prometidos, a revolução socialista triunfou na América Latina. Se é verdade que a "máquina" não foi finalmente colocada em xeque, não se pode dizer pura e simplesmente que a luta acabou no Vietnã. Prova foi o renascimento do movimento revolucionário na América Latina no final da década de setenta e por todos os anos itenta. Apesar do pragmatismo da vida social e da juventude nesse novo tempo, se pergunta: O sonho realmente acabou?

Francisco Assis Araruna

Um certo coronel

Entre as imagens que me vêm à mente ao recordar 68, uma especialmente sobressai do painel confuso dos conflitos de rua, quando o centro do Rio era um imenso palanque, dissolvido aqui e ali por bombas de gás lacrimogêneo ou pela cavalaria da PM, mas recriado logo adiante. Mas a imagem a que me refiro é a do coronel Montezuma, uma figura estranha com nome de imperador asteca, responsável pelo Inquérito Policial Militar (IPM) que investigava principalmente as atividades de alunos e professores da então Faculdade Nacional de Filosofia, do CACO e da Escola Nacional de Belas Artes.

Soube, depois, que existiam dois coronéis Montezuma, como se um só não bastasse. Mas lembro-me especialmente daquele

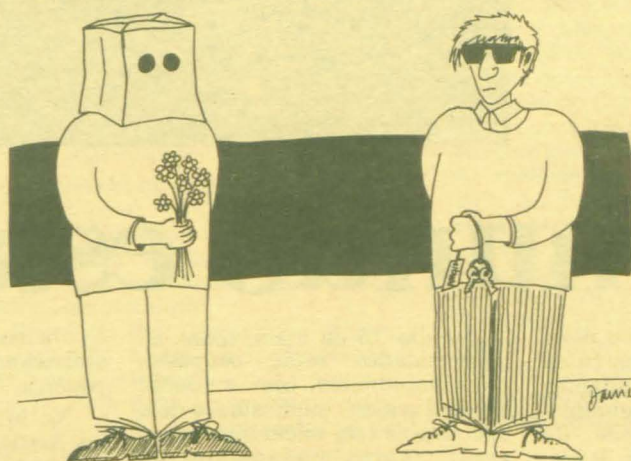
coronel do IPM por ter representado o meu primeiro contato com o que vinha a ser a ideologia da segurança nacional. Como aluna da FNF, não escapei da intimidação para depor e me lembro das inúmeras horas sentada, numa sala muito semelhante a tantas outras montadas com o mesmo objetivo pelo Brasil afora, a ouvir perguntas como: "O que pensa da tomada do poder?" "O que é marxismo para você?" Com quem você conversa sobre marxismo?" E tantas outras, na verdade, destinadas apenas a tentar obter informações para comprometer uns e outros. Mas, pior do que o cansativo exercício de dar respostas neutras e vazias de conteúdo, foi ouvir coisas como: "Vocês são inimigos da Pátria". Assim mesmo, com maiúscula. Ou: "Com inimigo não se discute.

Liquida-se". Eu, nos meus vinte anos, pensava: "Mas eu podia ser filha dele. Ele nunca pensou nisso?"

E ficava claro, cada vez mais naquele ano de 68, que a ruptura era inevitável, que a luta armada viria e que a esquerda brasileira mergulharia numa longa clandestinidade da qual só conseguiu emergir a partir da campanha da anistia, dez anos depois.

Lembro-me que, num dado interrogatório, não me, contive e perguntei: "Mas por que vocês, militares, acham que sabem o que é melhor para o Brasil?" A mesma pergunta eu faria hoje novamente ao general Leônidas Pires Gonçalves.

Célia Maria Ladeira
Jornalista



Da namorada míope às ilusões perdidas

Quando adolescente, escondia-me atrás da porta da venda do meu pai, em Cláudio, interior de Minas, para ver minha namorada passar. Ela era baixa, gordinha, de pés chatos e míope. Meus encontros com ela dependiam de complicadas negociações de amigos comuns, pois a timidez e o formalismo do namoro, na época, não permitiam aproximações ousadas.

Passada a adolescência, já estudante do Clássico, no Colégio Marconi, em Belo Horizonte, apaixonei-me pelos grandes problemas da existência humana e da política. Fiz então o roteiro de todo jovem "bem" da minha geração: li Saint Exupéry, Jacques Maritain, Marx e Celso Furtado (muito antes, portanto, de ter apoiado a censura a "Je Vous Salue, Marie").

Sem dúvida, uma diferença entre minha geração e a atual era o formalismo. Os jovens usavam gravatas, as mulheres vestiam "tailleurs" e tinham modos recatados. Reinava, para usar as palavras de François Chatelet e Michel Foucault, a disciplina do detalhe, esse ensinamento da docilidade que controla o tempo (atrasos e ausências), a atividade (atenção e falta de zelo), a maneira de ser (a tagarelice e a insolência), o corpo (os gestos impróprios) e a sexualidade (a indecência).

Sim, a sexualidade. Se há um traço marcante da geração dos anos 60 é o seu culto à Razão. Para ela a mente era o começo e o fim de toda as coisas. O culto da Razão está em baixa entre os jovens, que preferem buscar a felicidade pelos caminhos da emoção e do sentimento. A valorização do corpo e a revolução dos costumes sexuais são desdobramentos dessa nova forma de encarar a vida. É por isto que se observa hoje maior coerência no comportamento sexual do jovem, diferentemente do passado quando, ele agia com dupla moral: uma puritana e aplicada nas suas relações com as jovens de "família" e outra, licenciosa e libertina, extravasada nas madrugadas nos bares e nos prostíbulos. As fronteiras entre estes dois comportamentos cada vez mais se apagam.

O canal, através do qual o jovem de minha geração ambicionava reformar a sociedade era a política. Há hoje visível dificuldade, de articular a participação do jovem pelos canais políticos clássicos. Não se trata apenas de um desinteresse gerado pelo regime autoritário. As razões devem ser buscadas nas mudanças sofridas pela sociedade brasileira nos últimos trinta anos. Bastaria mencionar a presença de uma poderosa indústria cultural, interpondo-se entre o jovem e a realidade e alimentando-o com imagens sobre o mundo e sobre como nele se comportar. O que desejo sugerir é que existe, hoje, um novo ambiente cultural, que abre portas a novas formas de participação e de intervenção na realidade. Talvez resida aí a razão da "crise" do movimento estudantil, que nada mais seria do que o esclerosamento das antigas formas de participação e intervenção na realidade sem o surgimento de formas substitutivas e adequadas aos novos tempos.

Mas existe ainda uma importante diferença entre o jovem dos anos 60 e a atual geração. As gerações antigas jamais perderam a esperança e a confiança no País. Mesmo nos anos sofridos da ditadura essa esperança se mantinha. Os obstáculos eram vistos como pedras no caminho. Continuava a se acreditar no "gênio da raça", no jeitinho brasileiro, na nossa originalidade cultural e num futuro radioso, apesar de tudo. O quadro agora é outro: ruíram as grandes utopias (o socialismo, a psicanálise e outras) que davam força e energia às gerações passadas. Ruíram-se as esperanças num Brasil justo e fraterno. O jovem brasileiro quer abandonar o País, está amargurado, desesperado e frustrado. Mas, se não podemos voltar ao passado (e nem devemos querer), evitemos também, como diz o cineasta Cacá Diegues, o cinismo yuppie que leva a agir segundo a norma "se o mundo não presta, tratemos de aproveitá-lo". Entre os dois extremos, ele recomenda — e eu apoio — mantenhamos os olhos e a consciência abertos para o exercício permanente da crítica.

José Salomão David Amorim, professor do Campus



E o mundo estava de saco cheio

Ja havia qualquer coisa no ar quando, no dia 22 de março de 1968, aqueles 142 estudantes ocuparam o prédio da administração da Universidade de Nanterre, na periferia de Paris, para protestar contra a prisão de seis membros do comitê contra a participação norte-americana na Guerra do Vietnã.

Em seu livro, "Nós que amávamos tanto a Revolução", lançado no Brasil no ano passado, Daniel Cohn-Bendit, na época estudante alemão e um dos líderes do movimento, afirma que "a prisão dos seis militantes antiimperialistas" não passou de um pretexto para a ocupação da Universidade. Segundo ele, o verdadeiro motivo foi "um saco cheio generalizado". Tão generalizado que Nanterre foi apenas o ponto de partida para uma série de manifestações que, pouco depois, ganharam o mundo.

Era o começo do "Maio" francês, um movimento com projetos amplos, sem nenhuma pretensão de ficar restrito ao ambiente universitário. Apaixonados pelo proletariado, esses jovens viam na classe operária o motor das futuras revoluções.

Nas ruas parisienses

A Sorbonne, no Quartier Latin, bairro estudantil de Paris, se junta a Nanterre para logo depois ser invadida pela polícia, como ocorre com quase todas as universidades francesas. Os estudantes, apoiados por diversos setores da sociedade, ganham as ruas no 1º de maio, Dia do Trabalho. Vários jovens são presos após enfrentarem membros da CGT (Confederação Geral do Trabalho), controlada pelo Partido Comunista Francês, que desde o primeiro dia ataca a revolta. Reprimidos com violência, com violência reagem. Erguem-se as barricadas e centenas de pessoas são feridas.

No dia 13 de maio, todas as universidades estão ocupadas pelos estudantes, com a adesão espontânea dos sindicatos, e dois dias depois tem início uma greve geral (aproximadamente 10 milhões de trabalhadores param) considerada, muitas vezes, como o maior movimento de contestação da história. Para Cohn-Bendit, "um sonho, uma revolução na qual os operários tomariam o poder como outrora o povo tomara a Bastilha".

Tio Sam ouve a gritaria

No mundo inteiro explodem manifestações estudantis e o antiimperialismo está entre as questões que agitam o planeta. É na década de 60 que chegam nos Estados Unidos as primeiras notícias sobre guerras estimuladas e amparadas pelo poderio norte-americano não só na Ásia, como na América Latina também. Existe uma revolta generalizada contra a Guerra do Vietnã. Além disso, a questão racial; brancos de um lado, negros de outro. E é exatamente no dia 4 de abril de 1968 que o líder negro, Martin Luther King Jr., é assassinado com um tiro no pescoço em Memphis, no Estado de Tennessee.

Ocorrem verdadeiras explosões nos guetos dos grandes centros industriais. Os jovens americanos acabam descobrindo que a América não era tão perfeita como se queria fazer crer. Sem plano nem linha partidária e com uma variação político-cultural que incluía desde militantes doutrinários, anarquistas e populistas, seguidores de Bakunin, excursionistas do ego, maoístas, conjuntos de rock, guerrilheiros culturais, até os hippies, considerados o maior símbolo da "revolução" de 1968, estoura o movimento nos Estados Unidos. Como detonador, uma proibição baixada contra os protestos nas universidades. Foi

o suficiente para incitar os jovens americanos a contestar todos os poderes.

No México, 200 mil estudantes participam do movimento estudantil (um movimento massivo e de caráter político) que, ao contrário dos EUA, teve um programa e uma direção coletiva unanimemente respeitada, apesar da diversidade de correntes políticas existentes entre os alunos. Durante 120 dias de luta foram questionados diversos valores ou mitos como, por exemplo, a suposta estabilidade econômica e social do país ou a veracidade da grande imprensa nacional. Fatos como a manifestação do silêncio, em que 300 mil homens e mulheres desfilam mudos em sinal de protesto ou a chacina do 2 de outubro, quando aproximadamente 350 pessoas são massacradas na Praça das Três Culturas (Tlatelolco), ficarão marcados para sempre na vida do país.

A primavera de Praga

Como invasão russa na Tchecoslováquia no dia 20 de agosto de 1968, após oito meses de abolição da censura e de inteira liberdade de expressão e de organização. Com o intuito de "salvar o socialismo", 650 mil homens invadem o país deixando, em uma semana, um saldo de 109 mortos na versão oficial. Alexander Dubcek (secretário-geral do PC desde 5 de janeiro do mesmo ano) e Svoboda (o presidente) são detidos. Em seguida, assinam um acordo com Moscou.

Em seu livro, "A Insustentável Leveza do Ser", Milan Kundera, na época membro da União dos Escritores tcheca, diz que "o acordo salvara o país do pior: das execuções e das deportações em massa que todos temiam. Mas uma coisa apareceu claramente logo em seguida: a Tchecoslováquia seria forçada a se curvar diante do conquistador. A festa terminara. Entrava-se na banalidade da humilhação".

Talvez a mesma humilhação sofrida pelos estudantes franceses, excluídos do "acordo de Grenelle" (no qual o então presidente da França, general Charles De Gaulle, concede 10% de acréscimo no salário dos trabalhadores e 35% no salário mínimo) entre operários e patrões para o fim da greve geral. De Gaulle dissolve a Assembléia Nacional e convoca eleições no dia 30 de maio. Apesar de alguns focos de resistência, em julho de 1968 já não existe movimento no país. E Daniel Cohn-Bendit, o "Dany, rouge", é expulso da França.

Mabel Malheiros



Massacre no México

Dos movimentos estudantis que pipocaram pelo planeta em 68, um dos mais singulares foi o ocorrido no México. Como em outras partes, do mundo, porém, os estudantes pagaram caro pelo seus ideais de liberdade. A truculenta repressão mexicana culminou num dos mais violentos episódios do período: o massacre da Tlatelolco.

A organização estudantil mexicana era, sobretudo, dicotômica. De um lado, existia a Universidade Autónoma do México (UNAM), de traços mais elitistas, e do outro o Instituto Politécnico Nacional (IPN) com uma política de recrutamento de alunos nas classes mais baixas. Este antagonismo gerava enfrentamentos campais entre os alunos das duas instituições. Num deles, a polícia interveio com violência e cria a base para o movimento de 68:

a convergência entre alunos da UNAM e do IPN, que se unem para enfrentar o inimigo comum.

Unificado e organizado pelas bases, o movimento se fortalece e cria o Conselho Nacional de Greve. O governo mexicano assusta-se mas adota um comportamento astuto e maquiavélico; não reprimindo as manifestações. Assim, durante um mês as brigadas estudantis tomam conta da Cidade do México.

Animados com o clima de liberdade, os estudantes convocam uma manifestação para a Praça de Tlatelolco. Todas as lideranças estudantis comparecem à praça, que praticamente só tem uma saída. O exército mexicano usou uma estratégia simples. Entrou atirando em todo mundo. Até hoje não se sabe ao certo o número de mortos. O movimento estudantil do México/68 acabou assim: na ponta do fuzil.

Faltou limão

O idealista bate à minha porta. Veste um jeans sem griffe e uma velha camiseta branca. Sei que ele não está nada satisfeito comigo pois, não sorri quando o convido a entrar. É claro que não existe uma relação lógica entre as duas coisas, a gente sente no ar.

— Senta aí, bicho. Vou pegar uma cachacinha e um queijinho de Minas e já volto.

Ainda assim ele não sorri. Parece estar preocupado com alguma coisa. Só depois do primeiro gole é que consegue relaxar. Solta um suspiro prolongado e procura alguma coisa no bolso da calça. Nem preciso dizer que está com Perestroika na mão esquerda. Finalmente consegue retirar um cigarro amassado do bolso.

— Tenho saudades das ruas — ele me diz, os olhos fitando a cachaça com o fascínio de quem já afogou a sede com coquetel Molotov.

— O John Lennon tava errado. O sonho não acabou. A sociedade livre e harmônica ainda surgirá. Das cinzas, como a Fênix. O sonho estará sempre vivo, enquanto houver juventude haverá esperanças. Eu acredito é na rapaziada...

Perdi o resto da frase. A Revolucionária Romântica chegara. Abro a porta e não posso deixar de perceber aquele decote. Me cumprimenta rapidamente e penetra rápida, radiante e lépida. Assim que bate os olhos no Idealista estremece. Devia ser paixão antiga, do tempo dos Beatles. Vira-se para mim e pede, num sussurro, para colocar uma musiquinha na vitrola, de preferência "A internacional". Os dois se abraçam longamente. Quando os primeiros acordes da In-

ternacional começaram a soar a dupla finalmente sorri. O Idealista, ainda abraçado à Revolucionária toma mais um gole e abre o jogo.

— Não te conheço cara. Mas, não posso deixar de apreciar uma boa biritá. A liberdade começa na garganta, escorrega pro estômago e bate na cabeça. Ou seja, nada como um gole para clarear a consciência, buscar o consenso e amortecer a luta de classes. Tô te sacando, camarada, diga o que queres.

— Bem, eu preciso escrever um artigo sobre maio de 68. Você sabe, França. Movimento Estudantil, Herbert Marcuse, Ideologia da Sociedade Industrial, essas coisas...

O Idealista coçou o queixo. Ele havia mudado. Nem pensava mais na integração camponês-operário-estudante. Soube mesmo que aceitara ser jurado de um grande programa de auditório. Não queria mais saber de trabalho de base, só de massa e mídia. A Revolucionária, romântica, soltava bafadas esquisitas, enquanto cruzava e descruzava as pernas. O Idealista comeu mais um pedacinho de queijo, deu mais uma golada na cachaça direto na garrafa, fez uma careta e piscou o olho direito.

— Só te digo se você me contar onde arrumou dessa cachaça.

Suei frio. Por baixo da mesa a Revolucionária, sempre romântica, coçava minha perna com o pé. Parecia estar com a firme intenção de subir.

— Não isso não — protestei. De maneira nenhuma. Isso é chantagem. Cadê o espírito da livre informação? Onde está? Já se esqueceu das Comissões paritárias de estudantes e mestres? É es-

se o Idealista que quer tomar o poder? Você não está entendendo nada. Nada.

— Pára de plagiar o Caetano. Olha só, que tipo. Não consegue nem compartilhar o mesmo fabricante de cachaça. Tu só pode ser da reação. Olha só o teu aparelho de som! Tremendo burguesão! Quem me garante que tu não é da repressão?

— Serve esse broche das Diretas 88? Quem sabe o poster de Che Guevara?

Mas, ele não se convenceu. Levantou-se furioso e saiu batendo a porta. Nem deu tempo de mencionar minha boina vermelha com estrelinha.

A Revolucionária Romântica olhava rindo para mim, alegre como a liberdade. Foi ela quem me falou da revolta contra o sistema, do amor livre, do congresso clandestino da UNE, do assassinato de Martin Luther King, do estudante

brasileiro Edson Luis de Lima Souto. Eternamente romântica me repetiu que o mal era bom e o bem cruel, o que soou melhor e mais original em sua boca sem baton. Mas, acho que perdi o clima quando botei um disco do Sinatra e disse que votei no Corinthians. Ela arregalou os olhos e deu um passo para trás. Estava decepcionada comigo. Tentei argumentar dizendo que era doença e pra me curar só bastava um orgasmo revolucionário, com ela. Não houve jeito, nem adiantou citar Lênin, ou me declarar francamente a favor de um sindicato livre para os servidores de cafezinho. Tudo isto tão rapidamente que não deu tempo de saber o que Eros e Civilização fizeram. Ela também bateu a porta e me deixou sozinho com minha ignorância. E meia dose de cachaça. Sem limão.

Mardem Elias

PAI — Vem cá, meu filho. Um instante só.

FILHO — O que é que você quer, bicho?

PAI — Conversar com você. Não é nada, não.

FILHO — Que é isso, coroa? Não vem de repressão, hem!

PAI — Não quero reprimir nada, filhinho. Queria só bater papo.

FILHO — Papo-furado, né?

PAI — Um pai deve conversar com o filho. Tem mais experiência, pode dar uma orientação na vida. É o que todo mundo diz.

FILHO — Tá oca. Vamos falar de quê?

PAI — Do que lhe interessa. Do que lhe preocupa.

FILHO — Olha aqui, bicho. Tu tá por dentro de Marcuse?

PAI — Bem, eu...

FILHO — Manja Jimi Hendrix?

PAI — Quem?

FILHO — Tá, tou falando. Tá por fora dos dois maiores filósofos norte-americanos da atualidade. Não dá pé nem ter um papo sério. Só podemos castigar um papo sobre futebol, hem? E olhe lá. É um nível meio baixo.

PAI — Bem, eu sei alguma coisa de Marcuse que ouvi numa conferência dada por um coronel. Você lembra? Quis até convencer a sua mãe a ir à conferência comigo. Ela não podia por causa da novela...

FILHO — Tá por fora.

PAI — Agora, esse Hendrix aí, nunca ouvi falar. Que livros ele já escreveu?

FILHO — Tu tá mesmo por fora, bicho. Tou falando...

PAI — Naturalmente, eu sei que a rebeldia é, naturalmente, uma coisa natural da juventude e, além disso, faz parte da sua natureza e...

FILHO — Olha, bicho, vou te dar um plá. Esse negócio de natureza é que é o quente. É o Trieb, a pulsão instintiva,

que deve ser gratificada, morou?

PAI — Trieb?

FILHO — Palavra alemã, bicho. Tu tá por fora. Tou falando.

PAI — Você compreende, filho. Minha geração não teve as mesmas oportunidades de se instruir, como a sua. Hoje os meios de comunicação facilitam tudo e...

FILHO — Vou te explicar. O meu caso, como já disse, é o Trieb. Agora, o teu é o princípio da realidade, morou? O princípio de desempenho, a mais-repressão e outros babados que o Mar-

cuse explica. Eu sei que tu é amarrado numa boa mais-repressão. Te manjo.

PAI — Eu nunca pensei que fosse.

FILHO — É, sim. Tu é vidrado no princípio da realidade. Agora, se há uma coisa que eu não topo é o princípio da realidade. Tipo do troço que não dá pedal, muito devagar. Agora, vou te contar, bicho: o Trieb é um tremendo barato.

PAI — Interessante essa filosofia. É tudo do Marcuse?

FILHO — Tu tá por fora. Tou falando...



Reprodução

PAI — É, acho que estou mesmo por fora. Mas esse negócio todo aí que você estava falando foi o Marcuse que bolou?

FILHO — Claro que eu explico com uma certa contribuição criadora. Não sou burro nem nada. Mas o Marcuse sabe das coisas. O Marcuse e outros, filósofos: Thimoty Leary, Daniel Cohen-Bendit, Che Guevara, os Rolling Stones, o Chacrinha e a Gal Costa.

PAI — Realmente, devo confessar que não conheço esses filósofos.

FILHO — Tu tá por fora. Tou falando... Mas a gente pode tirar uns papos aí. Afinal, um filho deve conversar com o pai. Tem mais experiência, pode dar uma orientação na vida. É o que toda a minha patota diz.

PAI — É isso, meu filho. Precisamos do diálogo. Acho que é conversando que a gente se entende, não é mesmo?

FILHO — Mas, olha aí, vou logo avisando que tu tá meio coroa pra aprender alguma coisa. Nunca deu uma colher de chá pro teu Trieb. Nunca queimou um fumo. Nunca leu a filosofia contemporânea. E, pior de tudo, já passou dos vinte e cinco anos... Vou te contar: é a chamada dose para cavalo.

PAI — Mas a gente pode tentar, não pode?

FILHO — Estamos aí.

PAI — Bem. Com licença, meu filho. Tenho de comprar leite e pão para sua mãe. Ela está sem empregada, sabe. Acho que nossa primeira conversa já foi bastante útil. Para nós dois.

(PAI sai. FILHO fica sozinho, sacudindo a cabeça).

FILHO — "Precisamos do diálogo" VEJAM SÓ: Mas que diálogo? A geração mais velha realmente não consegue compreender os jovens.

(PASQUIM Nº 3 - JUL/1969)

MACALÉ

Nos idos de 68 a grande participação política popular encabeçada pelos estudantes de todo o País não podia deixar de contar com a arte, que, com toda sua força — cinema, teatro, música, dança, artes plásticas — contestava a repressão e a falta de liberdade de expressão da nossa cultura. A ditadura imposta desde 64, quando as atividades

artísticas tinham grande prestígio (Bossa-Nova, Cinema Novo, Teatro Novo, etc), gerou, senão o silêncio, ao menos a incompatibilidade do regime militar com o meio cultural. A ruptura deu-se em 68. Passeatas, estudantes e policiais se debatiam na rua. A tranqüila arte do fim da década de 50 se revoltou. Bossa (ou quase tudo) virou Tropicalismo, Cinema Novo tornou-se Cinema Marginal. Porém, apenas até 13 de dezembro, quando o AI-5 levou nossos artistas a se manifestarem na cadeia ou em outros países.

Parecia 20 anos atrás. O músico Jards Macalé arrumava as malas mas não ia para Londres. Depois de uma escala no Congresso Nacional para espiar a briga Presidencialismo x Parlamentarismo tomaria um avião para o Rio. E 88, parecia 68. Hélio Oiticica (inventor da palavra Tropicalismo), Glauber Rocha, Torquato Neto, Chico, Gil, Gal, Mutantes e tantos outros eram as personagens da viagem. Era 68.

As palavras subiam ao ar defendendo a maneira alegre com que

a Cultura Nacional rebateu os militares. Tropicalismo, salada de tudo e uma boa pincelada de deboche. O ano de protesto. Durante quatro meses os verdadeiros novos representantes da arte brasileira foram vistos por todo o País pela TV, enquanto Roberto Carlos perdia seu programa, assim como a força da Jovem Guarda. "Toda revolução devia ser alegre... "alegava Macalé"... humor, deboche, alegria... "completava, contrastando em seguida com o movimento nos Estados Unidos... Eles lutaram de outra forma para manter a democracia..."

O programa de TV — Divino Maravilhoso canalizou a vontade Tropicalista de pegar todo material a mão, comê-lo e vomitá-lo num discurso brasileiro e sem formas definidas. Misturava-se de tudo. Os diferentes tipos de expressão artística se condensavam numa estética livre e tropical. No entanto, tudo acabaria poucos meses depois com a prisão de Caetano e a ida de Geraldo Vandré para o Chile. Nos anos seguintes o Tropicalismo ganhou mais adeptos, mas o cerco da ditadura decepava a

cada instante o movimento, que passou a entrar cada vez mais nos espaços alternativos, uma das poucas opções que restavam aos artistas.

Macalé, sempre ativo politicamente, participou de muitas manifestações, inclusive do episódio da morte do estudante Edson Luis. Mantendo resistência até 70, quando foi para Londres morar e fazer o disco Transas com Caetano, Macalé (como é chamado pelos amigos) comparava o discurso musical da época, voltado contra a ditadura, com a fala explícita do rock atual. "Fome, sede, discurso radical e estética tomada pelo imperialismo. Os jovens de hoje não têm mais militares para atacar. Em meio ao nada a que a transição para um governo civil levou o País, as palavras de ordem cultural se voltam para as necessidades básicas de existência".

As malas estavam prontas. Jards continuava sua fala no carro. Agora 88. Criticou o vazio em que caímos nos últimos anos quando um pouco mais de liberdade e a falta da referência militar deixaram perdidas nossas expressões culturais. "Não se pode esperar que depois de 25 anos de ditadura eles não dessem à mínima liberdade" dizia Macalé. Porém, ressaltava as dificuldades político-econômicas do Brasil e a necessidade de produzir.

Chegamos ao Congresso. O ídolo de 68 e não menos ídolo em 88 descia do carro para ver a votação e comentava finalizando: "Isso deveria ser no Maracanã, ou melhor, em vários Maracanãs". Na saída havia uma pequena manifestação de favelados com camisetas e faixas, dizendo que 5 anos para Sarney era pouco. Lembrei de 68, AI-5. Pensei em 88, AQUÍ-5.

Dizo Dal Moro

Jamil Bittar — Arquivo JBR



ZÉ

NOBRE

6

Abre o pano. A juventude toma as ruas do mundo inteiro. Sacudindo o estabelecido, proclama novas maneiras de pensar e agir, numa revolução (contra) cultural nunca vista antes. O sonho, porém, não vingou. Quase dez anos depois um novo movimento jovem volta a se rebelar contra o status quo, mas inclui na sua revolta a crítica aos seus antecessores. Hoje, vinte anos depois de 68, os atores são outros e o cenário foi modificado, mas a grande questão é saber se o enredo da peça ainda é o mesmo.

Zé Nobre, artista plástico e gráfico, diretor de shows e diretor de arte no tateante cinema brasileiro, nota uma diferença fundamental no comportamento dos personagens: "O jovem de hoje é muito individualista, ao contrário da minha geração, que procurava fazer as coisas em conjunto. Talvez por isso ele esteja assim meio solto, meio perdido. Eu vejo uma juventude muito ligada no modismo, que adora o rótulo".

As luzes que iluminam o palco são sombrias. A crise é geral, a falência de valores se espalhou por toda a sociedade. Apesar de tachada de "yuppie", o estigma do jovem produtivo, a moçada

que procura produzir cultura não encontra facilidades. Nos dias que correm, ninguém se arrisca e só investe com a certeza do lucro. Alternativas?

"Não se é alternativo porque quer. Se é alternativo por necessidade ou por estratégia. O canal alternativo de expressão surge da convivência com várias mídias, que praticamente obriga o artista a se utilizar de todas elas. A gente tá criando, utilizando o que tem", aponta Zé Nobre.

O pano de fundo para os acontecimentos da peça não mudou, pelo menos na essência. O sistema continua selvagem e impiedoso, engolindo, digerindo e vomitando a arte com a cara que mais lhe convém. O velho e bom rock'and roll, por exemplo, se transformou no produto da moda e é maciçamente explorado, num contexto onde poucas bandas mantêm a atitude perturbadora e inquietante de tempos atrás.

Zé Nobre atenta para este fato, mas faz uma ressalva: "O sistema é muito esperto, é verdade, só que as rupturas não acabaram. Na minha época, muita gente levou porrada, a

8

violência fazia parte do cotidiano, então era muito mais clara uma postura de rompimento. Hoje, as barreiras são menores, a ruptura é mais fácil, mas ao mesmo tempo mais sutil. Tem gente utilizando o sistema para criticá-lo".

As cenas de amor no espetáculo não acabaram, mas com certeza estão menos ardentes. A campanha moralista dos setores conservadores da sociedade, liderada pela Igreja e desencadeada pelo vírus da AIDS, fez com que o amor continuasse livre, mas o sexo nem tanto. Casado, 32 anos, dois filhos, o artista baiano acha a AIDS "... a grande arma política do momento. Todo mundo está se utilizando dela. Acho que tá na hora da gente reverter isso, usar a AIDS artisticamente".

Daqui a vinte anos, como será analisado este período? Zé Nobre não se arrisca a fazer previsões, com uma exceção: "Brasília tem um espaço reservado no panorama cultural brasileiro. Não se tem vícios, tudo aqui é novo, apesar de não ser novo: é a cristalização de coisas velhas sob uma ótica diferente. Ninguém se espanta com o sotaque de ninguém e a cidade já está criando seu próprio sotaque. E a sin-

8

tese assumindo sua própria cara".

Um foco de luz ilumina uma parede do cenário, onde está escrito "Jim Morrison lives". O líder dos Doors, um dos ícones de 68, é o símbolo da única certeza da peça: a incerteza. Afinal, ele foi dado como morto, mas nunca ninguém viu seu corpo. Da mesma maneira, não sabemos se o sonho morreu, ou se está perambulando por aí, entranhado nas nossas pequenas coisas do dia a dia. Gerando novos sonhos. Para novos jovens. (O pano se recusa a cair).

Luiz Piu



Zé Nobre, de chapéu, durante as filmagens de "A TV que virou Estrela de Cinema"

Oswaldo Buarim Jr.